



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Michelle Sales Zukowski

**BULLYING E IMAGEM CORPORAL DE ESCOLARES DE 09 A 13 ANOS EM UMA
ESCOLA PARTICULAR DE PALMAS - TO**

Palmas – TO

2017

Michelle Sales Zukowski

BULLYING E IMAGEM CORPORAL DE CRIANÇAS DE 09 A 13 ANOS EM UMA
ESCOLA PARTICULAR DE PALMAS - TO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Pierre Soares Brandão.

Co-orientador: Prof. Me. Fabiano Fagundes.

Palmas – TO

2017

Dados internacionais da catalogação na publicação

Z94b Zukowski, Michelle Sales
 Bulliyng e imagem corporal de escolares de 09 a 13 anos em
 uma escola particular de Palmas - TO / Michelle Sales Zukowski
 – Palmas, 2017
 52 fls; 29 cm.

 Orientação: Profº. Me. Pierre Soares Brandão
 TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro
 Universitário Luterano de Palmas. 2017

 1. Imagem corporal. 2. Percepção corporal. 3. Bulliyng. I.
 Brandão, Pierre Soares . II. Título III. Psicologia.

 CDU: 159.9.072.43

Michelle Sales Zukowski

BULLYING E IMAGEM CORPORAL DE CRIANÇAS DE 09 A 13 ANOS EM UMA
ESCOLA PARTICULAR DE PALMAS - TO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e
apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em Psicologia pelo Centro
Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Pierre Soares Brandão.

Co-orientador: Prof. M.e Fabiano Fagundes.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.e Pierre Soares Brandão

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e Fabiano Fagundes

Co-orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof^ª. Dr. Irenides Teixeira.

Avaliadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

Esse Trabalho de Conclusão de Curso é dedicado a todos aqueles que estão ou já estiveram envolvidos no fenômeno *bullying*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sabedoria e pela capacidade que me foi concedida apesar das minhas limitações.

Agradeço ao meu orientador, Pierre, e ao meu co-orientador, Fabiano, pela paciência, dedicação, compreensão e incentivo de sempre melhorar.

Agradeço aos meus pais, Noemi e Joel, por todo apoio, ajuda, paciência, parceria, amor e o ombro amigo quando muitas vezes pensei que não iria conseguir. Sem vocês eu não conseguiria trilhar o meu caminho e chegar ao resultado final.

Agradeço ao meu namorado, Henrique, pela compreensão, amor e carinho. Mesmo em momentos de estresse permaneceu ao meu lado ajudando-me a permanecer calma e lembrando-me do objetivo final.

Agradeço aos meus amigos e amigas pela compreensão da minha ausência quando diversas vezes precisei priorizar o TCC ao invés de momentos sociais.

RESUMO

ZUKOWSKI, Michelle Sales. **Bullying e imagem corporal de crianças de 09 a 13 anos em uma escola particular de Palmas - TO**. 2016. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2017.

Experiências cotidianas desde o nascimento de uma criança influenciam na formação de sua imagem corporal. Parte das vivências infantis são passadas na escola. Sendo assim, supõe-se que a escola também possua influência na formação da imagem corporal da criança. Dentro das vivências escolares encontramos o conflito entre pares, que já são esperados que ocorram, quando ligados a agressões contínuas gerando prejuízos para uma criança, ele é denominado de *bullying*. Este estudo visa identificar uma possível relação entre o *bullying* e a imagem corporal da criança, levantando informações sobre ocorrências escolares. Para tal, realizou-se uma pesquisa aplicada em campo, com natureza quantitativa, objetivo metodológico exploratório e procedimento transversal. Com os principais resultados observou-se que o *bullying* gera insatisfação com a imagem corporal de seus envolvidos, afetando mais a autoestima dos não envolvidos, observadores e agressores/observadores. A classificação da criança no percentual de gordura influencia no envolvimento com o fenômeno, pois crianças que não possuem o percentual ideal estão mais propensas a se tornarem vítimas. Concluiu-se que o *bullying* envolve os seus participantes em fatores biopsicossociais causando impacto, na maior parte das vezes negativo, em diversas áreas da vida do sujeito.

Palavras-chave: Imagem corporal. Percepção corporal. Bullying.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AR	Escala de Auto Estima de Rosemberg
ES	Escala de Silhuetas de Kakeshita
IC	Imagem Corporal
IMP	<i>Image Marking Procedure</i>
%G	Percentual de Gordura
NE	Não envolvido
V	Vítima
V/O	Vítima/Observador
A/O	Agressor/Observador
O	Observador
A/V/O	Agressor/Vítima/Observador
Satisf.	Satisfação
Insatisf. (-)	Insatisfação por querer perder massa corporal
Insatisf (+)	Insatisfação por querer ganhar massa corporal
Hiperesq.	Hiperesquemático
Hipoesq.	Hiperesquemático
Normoesq.	Normoesquemático
Moder. Alto	Moderadamente Alto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3 METODOLOGIA.....	28
4 RESULTADOS	30
5 DISCUSSÃO.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	47
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	49

1 INTRODUÇÃO

A Imagem Corporal (IC) tem sido o foco de estudos que buscam a compreensão quanto o impacto que a imagem que se tem de si, enquanto aspectos físicos, interfere na construção da personalidade como um todo e colabora para a integração ou não do indivíduo ao meio que o cerca (TAVARES, 2003).

Outros termos fazem parte do trajeto de construção do conceito de IC e, neste sentido, Campana e Tavares (2009) trazem que o primeiro pesquisador a introduzir o termo Esquema Corporal (EC) foi o neurologista Pierre Bonnier e seus estudos tinham por objetivo descobrir quais as estruturas do cérebro responsáveis por manter um padrão de reconhecimento do corpo.

Schilder, que também foi um pesquisador de destaque no tema, em suas perspectivas sobre a imagem corporal propõe uma dimensão ampliada e integrada entre aspectos neurofisiológicos, sociais e afetivos. Para o autor pode-se entender como imagem corporal a figuração do corpo formulada na mente; é a imagem tridimensional que cada um tem de si mesmo que vai além de uma sensação; é a apercepção do próprio corpo onde existem figurações e representações mentais que o envolvem (SCHILDER, 1981).

O conceito do corpo surge a partir da formulação de uma ideia que ocorre através de uma experiência psicológica que traz o foco para atitudes e sentimentos de cada indivíduo em relação ao seu corpo. Dessa forma a imagem corporal é formada por experiências individuais subjetivas relacionadas ao corpo e à forma como o indivíduo lida com elas ao longo do seu desenvolvimento, tendo por seu início a infância (SCHILDER, 1981).

Dentro das vivências da infância encontra-se a vivência escolar. As escolas como grandes organizações, são lugares em que ocorre violência constante seja ela física ou psicológica. Com isso observou-se que existia uma preocupação com a violência vivida nas escolas e suas implicações nas vidas de alunos e professores, o que realça a necessidade de pesquisas e estudos sobre o assunto (FREIRE; SIMÃO; FERREIRA, 2006).

Por causa desses atos de violência surgiu um conceito aplicado à palavra *bullying*, que é reconhecido como repetidas exposições a ações causadas de forma proposital que prejudica ou fere um indivíduo, tendo por característica principal a dominação de uma pessoa sobre outra, mostrando uma desigualdade de poder de forma violenta, física ou psicologicamente (BUSNELLO *et al.*, 2009).

Sobre o *bullying*, Nogueira (2007) traz a importância de saber diferenciá-lo de outras formas de comportamento violento expresso em determinadas idades, pois a violência escolar nem sempre se encaixa em situações esporádicas que podem ser consideradas marginalizadas.

A prática de *bullying*, seja ela entre crianças ou adolescentes, ocorre quando o sujeito possui a necessidade de se impor sobre outro e a forma encontrada para suprir essa necessidade é uma demonstração constante de poder, assim o sujeito escolhe uma vítima que seja frágil o suficiente para não reagir ou tentar mudar a situação (LEÃO, 2010).

Partindo disto, estabeleceu-se como problema de pesquisa o questionamento sobre a existência de uma possível relação entre bullying e imagem corporal em crianças de 09 a 13 anos e, com base nele, o objetivo geral de identificar uma possível relação entre Imagem Corporal (IC) e bullying precoce em crianças de 09 a 13 anos em uma escola particular de Palmas – TO.

Como objetivos específicos buscou-se: (1) gerar relatório sobre avaliação da IC de crianças de uma escola particular de Palmas - TO; (2) produzir texto reflexivo sobre avaliação da ocorrência de bullying entre os escolares, bem como seu levantamento estatístico; (3) gerar análise estatística e texto comparativo entre os dados da avaliação da IC e bullying; (4) listar fatores relacionados ao processo, a partir da identificação da presença de relação entre IC e bullying; (5) produzir texto reflexivo sobre o cruzamento das informações acerca dos resultados encontrados e da literatura vigente.

A partir dos dados obtidos foram elaboradas propostas de intervenção e atuação para minimização do fenômeno. As propostas resultantes serão apresentadas a escola onde o estudo foi realizado.

O estudo mostrou-se relevante pois a análise dos resultados obtidos permitiu que horizontes sobre as vivências infantis escolares fossem ampliados, principalmente no que concerne o *bullying* precoce e a sua relação com a imagem corporal. Outro ponto a ser destacado é a carência de estudos similares no meio científico, o que contribui para a importância desse estudo e o torna inovador. Através dos resultados obtidos foi possível não somente relacionar o *bullying* a imagem corporal, mas também com a autoestima e com o percentual de gordura.

As relações encontradas entre o *bullying* com as demais variáveis geraram resultados inesperados e interessantes. A apresentação dos resultados promove a melhora da compreensão das crianças envolvidas no fenômeno, pois as enxerga através de uma totalidade individual do sujeito.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Dois aspectos relevantes serão apresentados a seguir: *bullying* e imagem corporal. Esses aspectos serão apresentados no ponto de vista de diversos autores que buscam compreender o ser humano na sua totalidade.

2.1 BULLYING

A violência tem se tornado cada vez mais presente, incluindo aquelas vivenciadas dentro das escolas, sendo que esta violência está incluída em todos os níveis da escolaridade, sem distinção de idade ou gênero (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2008). Estes fatores contribuem para o aumento da preocupação com o *bullying*.

Neme *et al* (2008) apresentam que o *bullying* refere-se a desejos conscientes de maltratar, inferiorizar e causar tensão para outra pessoa, sendo também utilizado para definir comportamentos agressivos e antissociais na literatura da psicologia. Dessa forma pode-se entender que o desejo de agredir é consciente, mas não se pode afirmar se as motivações que o levam a isso também são conscientes. Ou seja, o agressor pode estar atuando por influência do inconsciente.

Não obstante, Nogueira (2007) ressalta que o *bullying* também pode ser encontrado no meio escolar, não se restringindo a ele, pois, ainda conforme o autor, onde existirem relações interpessoais este fenômeno poderá ocorrer.

Dan Olweus foi o pioneiro em pesquisas que envolvem o *bullying* no contexto escolar. Ele apresentou o fenômeno como antigo e o conceituou como sendo a intimação ou vitimização de um estudante. Porém deve ocorrer por um longo período de tempo através de ações negativas que variam desde o contato físico, palavras agressivas, gestos ou expressões faciais desagradáveis, espalhar boatos até exclusões intencionais do indivíduo de um grupo (OLWEUS, 1997).

Nesta mesma direção, Olweus (1997) afirma que existem três critérios para caracterizar uma agressão como *bullying*: o primeiro seria o comportamento agressivo e dano intencional; o segundo, que ele é carregado de repetições ao longo do tempo; e o terceiro, é a existência de relações interpessoais com desequilíbrio de poder. O autor ressalta que o *bullying* é uma forma de abuso a alguém e ainda pode vir a ocorrer sem provocação aparente, essa ausência de provocação é o que o difere de outros tipos de abusos.

É importante saber diferenciar o *bullying* de outros conflitos do cotidiano, pois ele não se caracteriza apenas por um conflito, mas sim a soma deste a uma agressão que pode ser praticada por mais de um agressor, com intencionalidade e um pré planejamento da ação que

se repetirá com constância a vítima (TOGNETTA, 2005).

Olweus (1997) ressalta que um conflito pode ser classificado como *bullying*, a partir do momento em que este se torna repetitivo, degradante, ofensivo e quando há visível descontentamento e oposição do alvo da provocação. Ainda para o autor, este fenômeno pode ser classificado como assédio moral, desde que ocorra um desequilíbrio de forças entre agressor e vítima que pode ser físico, onde a vítima é visivelmente mais fraca fisicamente do que o agressor, ou mental, onde a percepção que a vítima possui de si a coloca numa posição inferior ao agressor, tornando-a impotente para defesa mediante a situação.

Nas escolas, o *bullying* tende a ser visto como indisciplina, incivilidade ou quebra de regra pública própria daquele ambiente, não sendo interpretado pelo ponto de vista psicológico (TOGNETTA, 2005). Sendo assim, a importância de estudos sobre *bullying* reside especialmente no fato de, apesar de presente em diversos ambientes (NOGUEIRA, 2007), tender a ser visto como apenas indisciplina no ambiente escolar (TOGNETTA, 2005; NOGUEIRA, 2007).

Olweus (1997) diz que os fatores que caracterizam o *bullying* são os mesmos que realçam a importância de observar as brincadeiras entre as crianças, pois a linha que difere a brincadeira amigável da maliciosa é tênue e turva podendo ser alterada dependendo da perspectiva do observador, que por sua vez tem a responsabilidade de tomar medidas apropriadas para brincadeiras maliciosas.

Por ser um fenômeno que se encontra camuflado e que atinge a sociedade por completo, não somente suas vítimas e seus agressores, é necessário que mais diálogos e pesquisas ocorram na área da educação, já que, por falta de conhecimento, alunos professores e outros atuantes na escola não sabem como lidar com o *bullying* (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2008).

Para que ocorra o fenômeno *bullying* é necessário a existência de dois grupos diretamente envolvidos, as vítimas e os agressores, sendo que por vezes encontra-se somente uma vítima e um agressor e em outras situações podem ser identificados um grupo de vítimas e um grupo de agressores (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2002).

Os agressores em geral variam a forma de se conscientizar sobre como a vítima percebe o assédio moral cometido contra ela, mas grande parte ou provavelmente todos percebem que o comportamento realizado, é no mínimo doloroso ou desagradável para a vítima. (OLWEUS, 1997).

Nas últimas décadas as preocupações relacionadas com o *bullying* estão maiores e isso fez com que o campo de investigação e pesquisa nesse assunto crescesse e se ampliasse mais,

trazendo-o para debates atuais (NEME *et al.*, 2008). Nunca houve tantas pesquisas sobre a violência na educação mesmo o *bullying* não sendo um fenômeno novo (TOGNETTA, 2005), mas apesar dos avanços já obtidos, as discussões existentes ainda não alcançaram a sua totalidade para atingir a resolução deste problema.

Esse déficit de discussões sobre o assunto em congressos e revistas mostra que talvez o principal problema seja o reconhecimento da presença desse fenômeno no meio de locais inesperados (PALÁCIOS; REGO, 2006).

No contexto psicológico o *bullying* não é bom, mas é esperado e natural que ocorra porque entre humanos é comum existir a necessidade e a constante busca por seu valor próprio, porém ele é um perigo ao valor que o indivíduo atribui a ele mesmo pois causa uma grave alteração na estima de si ou no valor que é atribuído tanto para a baixa estima, como para a alta (TOGNETTA, 2005).

A escola deveria ser um ambiente seguro que proporcionasse situações propícias para o desenvolvimento e crescimento dos alunos, mas muitas vezes os próprios professores não conseguem enxergar que as brincadeiras se tornaram *bullying* (LEÃO, 2010). O autor ainda ressalta que isso gera a desvalorização do fenômeno e falta de entendimento dele como sendo um comportamento anormal, resultando na continuação das atitudes violentas sem que as crianças tenham conhecimento da dimensão das suas consequências.

Apesar do déficit ainda existente nas pesquisas relacionadas ao *bullying*, tem-se presenciado um espaço maior no meio acadêmico para esse assunto. Isso mostra que existe uma preocupação atual com o seu desenvolvimento, sua forma de agir e se estabelecer entre crianças de diferentes idades e gêneros, pois a violência não faz distinção de pessoas.

2.1.2 Tipos de bullying e suas manifestações

O *bullying*, como citado anteriormente, possui características que o diferenciam de outros atos violentos, mas também possui diferenciações dentro do próprio fenômeno sobre os tipos de *bullying* existentes, que serão apresentadas no decorrer desta seção. Além das classificações de tipos de *bullying* ainda tem-se a classificação de participantes do *bullying*, esses são agressores e vítimas

O *bullying* pode ser classificado em duas formas: ato violento direto e indireto. Dentro da classificação de direto existem 3 subclassificações principais: agressão física, diz respeito sobre empurrões, puxões de cabelos, tapas, socos, entre outros; nos danos materiais, diz respeito sobre empurrões, puxões de cabelos, tapas, socos, entre outros; e para agressão verbal, inclui-se apelidos pejorativos, insultos, ameaças, ridicularizações, comentários sobre racismos e/ou religião, entre outros (WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; SANTOS *et al.*,

2014).

No *bullying* indireto encontra-se o tipo relacional ou social que diz respeito à exclusão social, propagação de rumores e histórias invertidas, entre outros. Tanto o *bullying* indireto como o direto trazem prejuízos diretos a vítima (WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; SANTOS *et al*, 2014).

Conforme crescem as crianças vão sofrendo modificações em sua maneira de pensar. Crianças entre oito ou nove anos têm um pensamento considerado pré-lógico que é baseado em ações concretas. Nessa fase não se possui um bom entendimento das consequências de suas ações, pois predomina o observável e o concreto na sua forma de pensar, sendo assim a forma mais comum do *bullying* nessa idade é por agressões físicas (TOGNETTA, 2005).

De acordo com Boden (1983), essa fase do desenvolvimento cognitivo da criança pode ser presenciada nos estudos de Piaget no período Operatório Concreto, onde é iniciada uma maior compreensão do que é real e da lógica, mas a representação abstrata só será desenvolvida no período do Operatório Formal.

Uma pesquisa realizada por Francisco e Libório (2008), com crianças do 6º e do 9º ano, sendo 165 alunos de escola de periferia e 118 alunos da escola de região central, demonstrou essa continuação da modificação do *bullying* através de etapas. No 6º ano as agressões ocorrem mais através de ameaças físicas, enquanto que no 8º a agressão ocorre mais de forma verbal com insultos e provocações.

Os meninos praticam mais atos de violência que envolvem provocação, vitimização e envolvimento duplo nesse contexto, tornando-o o *bullying* mais facilmente detectado entre eles pois preferem a violência direta, sendo que alunos mais novos normalmente se encontram no grupo de vítimas e conforme crescem diminui a frequência das agressões contra eles (Olweus, 1997).

Estudos realizados por Carvalhosa, Lima e Matos (2002) vão ao encontro de Olweus no que concerne ao envolvimento no *bullying* do gênero masculino. Os meninos praticam mais atos de violência que envolvem provocação, vitimização e envolvimento duplo entre provocador e vítima. Além de meninos apresentarem maiores comportamentos agressivos do que meninas, também apresentam maior número de vítimas em suas agressões, com destaque em agressão física e verbal (CALBO *et al*, 2009).

Uma hipótese para que a agressividade seja maior nos meninos do que nas meninas são os estigmas sociais que envolvem os gêneros e seus papéis já esperados pelo processo de socialização cultural existente. Esse processo encoraja “homens” a assumirem posições de violência que já essa é considerada natural para o gênero masculino e símbolo de

masculinidade na sociedade (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2008; MALTA, 2010).

De acordo com Olweus (1997), os meninos intimidam mais outras crianças do que as meninas e existe uma porcentagem relativamente alta de meninas que relatam serem intimidadas principalmente por meninos.

Retomando o estudo realizado por Francisco e Libório (2008), vê-se que nas vítimas de *bullying* do sexo feminino de ambas as escolas nas quatro turmas, todas sofrem *bullying* de meninos, sendo que no 6º ano o *bullying* ocorre com agressores meninos e meninas, e no 8º somente com agressores meninos. Os autores trazem que mesmo com esses dados é importante lembrar que as violências cometidas pelas meninas têm formas mais sutis de serem realizadas do que as dos meninos, por isso sua detecção é mais difícil de ocorrer

As meninas optam por formas de *bullying* indireto, tornando o fenômeno mais difícil de ser identificado por parte dos adultos, pois não é palpável como a forma direta, sendo mais comum no gênero feminino o encontro de assédio, rumores, exclusão intencional do meio social e a privação de amizades. (OLWEUS, 1997).

O estereótipo social é refletido nas crianças e demonstrado através de suas ações, neste caso, de agressores e envolvidos em situações de *bullying* por serem cercados por uma sociedade que diz que a demonstração da força é a garantia de superioridade.

2.1.3 Impactos e desdobramentos do bullying

Apesar de não se poder definir as dimensões das consequências que cada indivíduo envolvido em situações similares sofrerá, existem reações que são comumente esperadas dentro de cada grupo do fenômeno *bullying*. Fatores comuns sobre a formação de vítimas e agressores também podem ser encontrados. É importante ressaltar que o *bullying* antecede relações interpessoais, pois ele reflete problemas de autoimagem relacionado a quem a criança é e quem ela deseja ser, ou seja, a representação que a criança tem de si mesma irá refletir na sua classificação no fenômeno (TOGNETTA, 2005).

De acordo com Olweus (1997), os agressores buscam uma vítima que aparente está vulnerável a receber ataques a partir da identificação do ponto fraco do indivíduo, o que leva ao pré-planejamento da agressão e de possibilidades existentes para a efetivação dos seus planos, sendo que essa ocorre através da imposição da autoridade e ameaças físicas ou morais resultado na rendição da vítima.

O agressor escolhe suas vítimas por características óbvias e inegáveis que ela possui. Dessa forma demonstra que seu pensamento é limitado, irreversível e ilógico sobre suas consequências, não consegue ter outra perspectiva da situação, o que faz com que não consiga ver além de si ou as consequências que sua ação pode trazer para ele e para a vítima

(TOGNETTA, 2005). A autora ainda realça que o agressor não consegue ver em si um valor e parte para uma busca de sua própria estima através da violência. Além disso vítima e agressor estão em busca de sua estima e que normalmente é mais fácil observar a perda de valor e estima na vítima, mas isso não anula a perda do agressor.

A partir dos três anos de idade as crianças já podem se encontrar inseridas no *bullying*, pois nessa fase estão passando pelo período pré-operatório, desenvolvendo a sua linguagem, assimilando símbolos e construindo seus próprios significados simbolizando o início da constituição da inteligência da criança e sua separação do eu com o outro, sendo que a violência aumenta conforme aumenta o estabelecimento das relações cotidianas com outras crianças (BODEN, 1983; TOGNETTA, 2005).

Os *bullies* (nome pelo o qual é chamado o agressor) não medem a sua agressividade com os colegas e muitas vezes chegam a ser agressivos até com professores e pais através de atitudes impulsivas de intimidação com meios violentos (OLWEUS, 1997).

Tais atitudes ocorrem como busca de sensação de bem-estar e de constituição da imagem do “eu”, pois a criança agressora normalmente tem problemas de satisfação pessoal e auto imagem, uma vez que o meio social influencia diretamente na concepção de autoimagem do sujeito surge uma grande necessidade de dominar os outros e anula o sentimento de empatia com as vítimas (OLWEUS, 1997; TOGNETTA, 2005).

Um estudo realizado por Zottis *et al* (2014) traz a influência das práticas parentais nas atitudes de *bullying* entre adolescentes na escola. Nesse estudo foram analisadas as práticas parentais autoritárias e punitivas e práticas parentais indutivas.

Por práticas parentais punitivas os autores colocaram que são atos de disciplina aplicados pelos pais que envolvem agressões psicológicas, agressões corporais, retiradas de privilégios e penalidades. Já as práticas parentais indutivas incluem explicações, recompensa e monitoramento.

Zottis *et al* (2014) obtiveram uma amostra de crianças e adolescentes entre 10 e 15 anos, notou-se que a frequência da utilização de práticas parentais com intuito de disciplinar de forma autoritária e punitiva, aumenta as chances de a criança tornar-se um agressor na escola. Para os autores isso mostra uma relação de dose-resposta, ou seja, a agressão recebida será refletida por essas crianças em seus ambientes de convívio com outras crianças, nesse caso, a escola.

As práticas parentais de disciplina autoritária e punitiva destacaram-se como as principais na influência no comportamento do agressor, sendo que dentro da agressão psicológica, castigo corporal leve e severo as duas últimas práticas citadas possuem maior

influência quando aplicadas pela mãe. Já a disciplina indutiva não foi associada estatisticamente com a prática de *bullying* na escola (ZOTTIS *et al.*, 2014).

Em suas conclusões os autores chegaram a hipótese de que a disciplina indutiva não ter sido associada estatisticamente com a prática de *bullying* é que a sua forma de aplicação é mais eficaz com crianças do que as disciplinas punitivas.

Tognetta (2005) sugere que a ação ideal a ser tomada pelos responsáveis da criança é ajudá-las a pensar e através do diálogo buscando trazer a tomada de consciência do problema, pois a criança não possui consciência sobre as futuras consequências dos seus atos e isso a ajudará a antecipar mentalmente as consequências de suas ações através de reflexões e evitar que realize ações violentas.

A extrema permissividade também influencia no comportamento agressivo das crianças, uma vez que impede que as crianças vivenciem situações de perdas que são necessárias para o entendimento da consequência natural existente de uma ação, essas consequências seriam o luto e o sofrimento por não conseguirem o que lhes sempre apetece (TOGNETTA, 2005). Para a autora, a criança procura uma forma de vivenciar esses sentimentos que lhes foram privados, pois são importantes para o seu desenvolvimento, então se torna uma *bully* para que o outro experiencie o sofrimento que deveria ser seu.

As ideias de Tognetta (2005), vão ao encontro das ideias de Olweus (1997) sobre a formação de agressores. O autor realça quatro motivos principais pelos quais os agressores agem como tal:

1. a atitude emocional negativa durante a infância (normalmente as atitudes cometidas pela mãe por ser a primeira cuidadora), ou seja, a ausência de afeto, aumenta o risco da criança se tornar agressiva;
2. a grande permissividade dos cuidadores com falta de limites claros e bem estabelecidos em relação a comportamentos agressivos com colegas, irmãos e adultos, tende a aumentar o nível de agressividade da criança;
3. o uso do abuso do poder de pais na aplicação de castigos físicos e violentos, também como explosões emocionais com a criança, causa uma probabilidade acima da média da criança se tornar agressiva;
4. por último é trazido que o temperamento forte da criança pode ser herdado, deixando-o com maiores proporções de se desenvolver com comportamentos agressivos, sendo essa a que exerce menos poder do que as anteriores, mostrando que os principais motivos são as duas primeiras condições.

As três primeiras condições deixam claro que não somente o tipo de punição exercida

pelos pais, mas como também a ausência de vivências agradáveis e amorosas entre pais e filhos, causa grandes probabilidades do filho se tornar um agressor.

A quarta condição é menos influente sobre o comportamento da criança agressiva, mas se esta condição for vinculada a qualquer uma das outras três, supõe-se que pode encaixar-se numa forma tão poderosa quanto, pois um temperamento herdado receberá maiores influências de emergir se receber uma influência maior causada pela vivência das três primeiras condições citadas.

Sobre as possíveis razões psicológicas subjacentes para que ocorra o comportamento de *bullying* Olweus (1997), através de seus estudos empíricos sugere três motivos que estão parcialmente inter-relacionados:

- 1 - o agressor intimida e “controla” a vítima para saciar a sua necessidade latente de poder e dominação;
- 2 - quando a família não possui uma boa condição de vida que possa proporcionar um bom local de moradia (o autor cita quando a família é criada em abrigos) é natural esperar hostilidade dos agressores com o meio ambiente. Esse misto de sentimentos pode provocar impulsos sobre a busca de satisfação que, por sua vez, irá refletir em causar sofrimento a outros indivíduos para alcançá-la;
- 3 - o autor considera um ponto fundamental para o comportamento de *bullying* os agressores coagirem as vítimas a lhes darem coisas de valor, como dinheiro, cigarro, cerveja ou qualquer outra coisa lhes interesse e a vítima possa lhe proporcionar.

Nas características gerais da vítima pode-se perceber que essas costumam apresentar ansiedade, problemas com a autoimagem, sem forças suficientes para revidar a agressão e são inseguras, o que a influencia a não denunciar a agressão (TOGNETTA, 2005).

Essa insegurança também é refletida na forma como as crianças se veem, nas suas autoimagens, pois começam a pensar que se falam que ela é de uma forma, ela realmente deve ser. Isso é transparecido em enjoos, vômitos, febre, falta de vontade de ir à aula, introversão, angústia, ansiedade, depressão, fuga da convivência com outras crianças por medo de passar novamente por situações de *bullying* (TOGNETTA, 2005).

Dentro da classificação de vítima Olweus (1997) divide-as em 2 tipos: vítimas típicas, em regra geral apresentam as características inegáveis e que podem gerar facilmente uma gozação, também são cautelosas, sensíveis e tranquilas; e vítimas provocantes, que apresentam ambos os padrões de ansiedade e agressividade e isso é demonstrado com problemas de concentração e comportamentos que causam irritação e tensão ao redor deles,

incomodando muitos alunos na sala de aula resultando em ações negativas de grande parte deles com a vítima; esses alunos podem ser classificados como hiperativos.

Não é muito difícil identificar vítimas e agressores através de seus discursos. Se os pais estão atentos aos comportamentos da criança e a forma que elas retornam para casa após a escola, logo irão notar se elas são vítimas ou agressoras através das seguintes características: a vítima pode voltar sem o troco do lanche falando que perdeu ou que comprou outro para ajudar um colega, com machucados, reprimidas e sem vontade de voltar a escola; os agressores podem voltar com as roupas amassadas, ar de superioridade, atitude rude com os familiares podendo atemorizar-lhes fisicamente caso sejam menores do que ele (TOGNETTA, 2005).

O *bullying* pode trazer consequências imediatas ou a longo prazo. Isso irá variar de acordo com a frequência e a intensidade com que a criança é exposta à agressividade e ao impacto que ela causa nas múltiplas esferas da vida do sujeito (ALBUQUERQUE *et al*, 2013). Um exemplo de consequências imediatas são as feridas físicas que surgem pela agressão. De consequências de longo prazo é o desenvolvimento de possíveis transtornos psicológicos como depressão.

Um outro estudo realizado por Andersen *et al.* (2015), investigou se a probabilidade de sofrer assédio moral no trabalho é maior ou menor por indivíduos que já sofreram *bullying*. Concluiu-se a pesquisa considerando o assédio moral diretamente ligado com ser ou não ser vítima de *bullying* principalmente na segunda fase da escola (ensino médio). A pesquisa de Forlim, Stelko-Pereira e Williams (2014) mostra que uma criança que já foi alvo/autor de *bullying* tem 83,75% de chance de ter depressão, ou seja, 5 vezes mais chances do que um aluno que não é alvo/autor.

A criança que é vítima não precisa de muita imaginação para entender que os anos que passará na escola serão difíceis e que ela sempre terá esses sentimentos negativos de ansiedade e insegurança ao ir para as aulas e essa angústia sofrida por meninos e meninas, ao atingir seu auge, pode levá-los a tentativas ou o suicídio em si, pois essa dor se torna tão grande ao ponto de levar as crianças a enxergar o suicídio como a única solução (TOGNETTA, 2005; OLWEUS, 1997).

O *bullying* é o tipo de violência que se torna cada vez mais comum entre crianças. Com isso surge a necessidade de medidas preventivas. No Brasil, no dia 09 de novembro de 2015 foi sancionada pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, a Lei nº 13.183. Lei que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo território nacional. Em seus objetivos encontra-se a promoção de medidas preventivas e de

conscientização ao combate de todos os tipos de violência, sendo a principal delas o *bullying* praticado por alunos, professores ou qualquer outro envolvido no meio escolar a esse tipo de agressividade (Brasil, 2015).

O Brasil é um país consideravelmente novo na pesquisa sobre *bullying* e ainda carece de dados, hipóteses e desenvolvimentos de teorias sobre esse tipo de violência. Outros países possuem maiores quantidades de pesquisas, porém não foram encontradas pesquisas que abrangessem o fenômeno através das variáveis que esse estudo se propôs. Essa necessidade é iminente para que ocorram melhoras na aplicabilidade de medidas preventivas e de conscientização sobre o *bullying*. Assim buscando a diminuição das consequências negativas que esse ato de violência, agressão e assédio moral gera nas crianças que um dia já foram envolvidas nesse meio. Sejam elas agressoras, vítimas ou vítimas-agressoras.

2.2 IMAGEM CORPORAL

Para entender a formação da imagem corporal precisa-se entender a sua conceituação. Schilder (1980, p.11), traz que a imagem do corpo humano é a forma que o corpo é apresentado na mente do indivíduo, ou seja, a sua figuração. Essas sensações, sejam elas táteis, musculares ou internas fazem parte da formação da imagem corporal.

Dentre os pesquisadores existentes na área de imagem corporal destaca-se Schilder que para conseguir conceitualizar a imagem corporal desenvolveu pesquisas nas áreas de neurologia, psiquiatria e psicologia, resultando na ampliação da visão e entendimento de como o corpo apresenta-se para si (BARROS, 2005).

Em suas conclusões, Schilder propôs uma compreensão integrada sobre a imagem corporal, mesclando fatores sociais com o desenvolvimento e as emoções. Para ele a imagem corporal possui tanto um desenvolvimento ontogenético como um filogenético, sendo que este último é mais difícil de ser definido e apesar de entender quando se inicia a formação da imagem corporal ainda existem falhas em seu detalhamento (SCHILDER, 1981).

De acordo com Barros (2005), Schilder mudou a concepção de que a imagem corporal estaria ligada a patologias e acrescentou a ideia de que os eventos diários também contribuem para a sua formação.

A imagem corporal se constitui através da interação da fisiologia, aspectos neurais, emocionais e com os fatores sociais que cercam o indivíduo (BARROS, 2005). Para a autora, se ocorrer a análise desses processos separadamente, ocorrerá uma análise falha e incompleta pois qualquer mudança em um desses fatores pode causar consequências na experiência do

corpo e em como ele se constitui para o indivíduo (BARROS, 2005).

A formação da imagem corporal se inicia quando a criança ainda é um bebê, pois o corpo juntamente com o mundo externo compõe suas experiências iniciais, estando estes interconectados. Ou seja, o corpo e o mundo coexistem, sendo que essa relação ocorre, de modo primitivo, desde a formação do feto, onde as fronteiras entre corpo e mundo ainda não se encontram claramente separadas fazendo com que a percepção de partes do corpo no mundo seja mais clara do que partes do mundo no corpo (SCHILDER, 1981).

As ações realizadas pelo corpo através de movimentos no espaço em busca de um objeto contribuem para a formação de um padrão que irá estruturar o mundo da criança, ou seja as experiências iniciais da criança tem caráter corporal e organização através da espacialidade do corpo (RIBEIRO; TAVARES; CAETANO, 2012).

Para Schilder (1981) o processo de identificação da criança com o corpo ocorre pela curiosidade existente em tocar os pés durante o banho ou morder seus braços. Isso resulta no reconhecimento parcial e total do corpo da criança no espaço-mundo sendo que aos dois anos esse processo se concretiza.

Schilder (1981) supõe que a maturação está relacionada a configuração primária do modelo postural e que essa, juntamente com o modelo postural, terá sua concretização através das experiências individuais, pois as experiências que determinam o modelo, o ritmo e os traços mais específicos da formação da imagem corporal.

Piaget ao trazer os conceitos do desenvolvimento infantil, fala que o corpo é a matéria prima da criança e que através dele a criança vivencia suas novas adaptações durante o seu desenvolvimento, sejam elas intelectuais ou perceptivas. Através da internalização das ações realizadas pela criança, são criadas imagens representando sequências sensório motoras (RIBEIRO; TAVARES; CAETANO, 2012).

A sugestão trazida pela teoria de Piaget é que a criança precisa ter uma topografia do seu próprio corpo antes de concretizar uma ação ou a imitação de um comportamento, assim a criança precisa tratar seu corpo como objeto aprendendo suas qualidades, sua forma de locomoção e como ela se situar no espaço (RIBERTO; TAVARES; CAETANO, 2012). Por mais que não tenha sido a intenção inicial de Piaget trabalhar os conceitos de como a criança forma a sua imagem corporal, isso é perceptível em sua teoria.

Ao criar a diferenciação entre o eu e o mundo, a criança consegue entender a sua superfície corporal, ou seja, o que a separa do mundo externo. Fisher (1968) traz que essa superfície corporal são as fronteiras do corpo com o mundo (*bouderies*), elas que delimitam o que o corpo vai aceitar que permeie a sua imagem corporal ou não, pois sua função é proteger

a integridade corporal fornecendo a sensação de um corpo seguro através da delimitação de proximidades em relação ao corpo.

As primeiras percepções corporais influenciam o modo pelo qual o indivíduo interpreta o mundo, interage com ele e reage aos seus estímulos, porém, mantém-se a fundamentação no princípio da manutenção de um corpo seguro (RIBEIRO; TAVARES; CAETANO, 2012). Os autores afirmam que padrões de percepção corporal servem para específicos propósitos de defesa, informando quais estímulos devem ser evitados e exercendo influência na forma de utilização das fronteiras do indivíduo.

Ao compreender a importância da formação das primeiras percepções corporais, deve-se acender um senso de responsabilidade nos ambientes em que a criança convive. Isso evitará que sua interpretação e interação com o mundo seja negativa.

A imagem corporal exerce influência direta na criança e em seu comportamento social. Uma pesquisa realizada por Maximova *et al.* (2015) com 5913 crianças de 9 a 13 anos teve por objetivo identificar o impacto de uma percepção subestimada do próprio peso vs. uma percepção precisa, na saúde psicossocial de crianças. Para isso foram utilizadas escalas de autoestima, autoeficácia e o status atual do peso através do Índice de Massa Corporal.

Concluiu-se que crianças com peso normal possuem uma proteção contra a baixa autoeficácia em relação a atividades físicas e alimentação saudável, se elas possuírem uma percepção subestimada do seu corpo. Outro aspecto presenciado foi que crianças com sobrepeso e obesidade possuem uma proteção contra a baixa autoestima quando possuem uma percepção subestimada do seu corpo. Porém, meninas com sobrepeso estão particularmente vulneráveis a ter uma percepção precisa sobre o tamanho do seu corpo relacionado a saúde psicossocial. Sendo assim, a percepção que a criança possui do próprio corpo é um elemento importante na sua saúde psicossocial (MAXIMOVA *et al.*, 2015).

Outra pesquisa, realizada por Jongenelis, Byrne e Pettigrew (2014), mostra que insatisfação com o corpo e o desejo de tê-lo mais magro está se tornando cada vez mais comum entre crianças de 6 a 11 anos, o que vem resultando no desenvolvimento de distúrbios alimentares, consequentemente prejudicando a saúde psicossocial das crianças. Mas de acordo com os autores, é interessante notar que condutas similares de insatisfação e objetificação que crianças do sexo feminino possuem com o corpo são encontradas também em meninas adolescentes e em mulheres mais velhas, ou seja a excessiva preocupação com o corpo e em como ele se apresenta para o indivíduo se inicia na infância.

Sabe-se que a formação da imagem corporal é um processo contínuo, onde alcança uma certa estabilidade na infância mas continua propenso a ser mutável através de influências

internas e externas, pois imagem corporal é adaptável e flexível e se adapta a cada mudança que ocorre continuamente com o ser humano. De acordo com Webb, Wood-Barcaçpw e Tylka (2015), é importante para o corpo que essa capacidade de ser flexível dele entre em contato com emoções positivas e negativas, pois influencia na forma de aceitar as mudanças existentes no corpo e vê-las de uma forma positiva.

A flexibilidade e mutabilidade surgem de acordo com a necessidade momentânea, pois o contato com o meio influencia diretamente na constituição da imagem corporal, podendo essa dar ou receber partes do mundo externo, exemplo disso são as constantes tentativas de modificação do corpo através da inserção de pircings, tatuagens, pinturas ou até mesmo a modificação de um penteado, sendo que nossa musculatura juntamente com nosso pensamento lógico realizam essas mudanças internamente resultando na nova adaptação e na evolução da imagem corporal junto com o desenvolvimento humano (SCHILDER, 1981).

Ao obter essa compreensão Schilder (1981), traz que um dos fenômenos de grande influência na alteração da imagem corporal é a experiência visual, porque essas experiências são resultados de ações que determinam e constituem a forma final do corpo e a forma que participamos do mundo. Para o autor mudanças que ocorrem nas representações visuais relativas ao corpo tem influência na imagem corporal, porém existem outros fluxos de experiências que também atingem o corpo, deixando a experiência visual com um efeito limitado.

Dentre os outros fluxos existentes na constituição da Imagem Corporal, encontra-se o contato social. Um estudo realizado por Secchi, Camargo e Bertoldo (2009), nos mostra como as representações visuais e o contexto da sociedade em que se está inserido influencia diretamente na percepção do corpo, pois o conflito existente entre corpo real e ideal imposto pela mídia estimula a multiplicidade de casos de distorção da imagem corporal.

Os autores realizaram um estudo com 278 estudantes de graduação do sexo feminino. Esse grupo era dividido em 101 alunas de Psicologia, 94 alunas de Educação Física e 83 alunas de Moda. Aplicou-se um questionário de forma coletiva dividido em seis partes para colher as seguintes variáveis:

- Variáveis descritivas, que incluem idade, local e curso; peso e altura, para calcular o IMC;
- A imagem corporal, através da escala de Likert para obter a percepção do próprio corpo em relação ao corpo ideal;
- Cuidados com o corpo, para saber qual a prática de exercícios físicos e dietas; o posicionamento frente a cirurgia plástica e estética, se já realizou, quer realizar e qual

o posicionamento sobre;

- Questão aberta para análise da representação social de corpo.

Os dados colhidos revelaram que as estudantes dos três cursos possuem preocupação com a imagem corporal, uma vez que todas as estudantes perceberam seus corpos nas alternativas entre ideal e acima do ideal e mostraram insatisfação em relação a essa percepção, pois de forma global elas obtiveram a posição de “insatisfeitas” e “nem insatisfeita nem satisfeita”. Outro ponto notado é que quanto maior o IMC, menor era a satisfação com o próprio corpo.

Interessante notar que as estudantes de moda foram as que mais apontaram que o corpo com uma boa aparência física exerce maior poder nas relações sociais e atribuíram o corpo como um veículo da subjetividade e da personalidade. Nas considerações finais os autores relataram que as representações sociais compartilhadas entre os grupos de estudantes, determinam o nível de insatisfação corporal dos estudantes e que existe uma incompatibilidade entre as representações sociais e a vivência subjetiva relacionada à imagem corporal (SECCHI; CAMARGO; BERTOLDO, 2009).

Apesar da influência exercida pelo meio na composição da imagem corporal, é importante ressaltar que ela não ocorre através da apropriação de corpos alheios, porém pode-se incorporar partes de outros no modelo postural o que pode resultar na existência de uma inter-relação contínua e ligação entre a própria imagem corporal com imagens alheias, mas para que isso aconteça é necessário o contato entre corpos e suas experiências o que resulta na incorporação de partes corporais e doações da própria imagem (SCHILDER, 1981; BARROS 2005).

Destrói-se e constitui-se a imagem corporal continuamente, pois existe sempre uma busca de um corpo ideal (BARROS, 2005). A percepção do corpo não pode receber mais relevância do que a percepção do mundo externo, pois obtemos maior desenvolvimento sobre conhecimento do corpo quando ele está em movimento e em contato contínuo através de todos os sentidos com o mundo (SCHILDER, 1981). Portanto deve-se procurar entender o ser humano e a constituição da sua imagem corporal em uma totalidade, composta de diversos fatores que influenciam e causam mudanças constantes na sua apropriação do corpo.

Felden *et al* (2015) realizaram uma pesquisa com 1126 adolescentes de 13 a 21 anos, matriculados no ensino, com o objetivo de investigar uma possível associação entre a insatisfação com a imagem corporal e indicadores sócio-demográficos.

Para realizar o estudo foram coletadas: características da amostra, que consistiam em idade, se trabalhava, carga horária do trabalho, turno de estudo, local de moradia e cor da pele; imagem corporal através da escala de silhuetas de Stunkard onde o sujeito identificou

qual a silhueta semelhante a ele e qual seria a ideal para seu corpo; nível econômico e de renda através do questionário da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa que estima o poder de compra das famílias e a escolaridade do chefe da família.

Em suas conclusões Felden *et al* (2015) presenciou que o sexo, grau de escolaridade do chefe da família, classe econômica, renda e local de moradia influenciam diretamente na insatisfação corporal. Suas hipóteses para essas conclusões foram que:

- O fácil acesso aos meios midiáticos contribui para a distorção da imagem corporal pois promove a idealização de um corpo perfeito, o que resulta na insatisfação dos rapazes pela magreza e das moças pelo excesso de peso;
- Os adolescentes de classes econômicas mais baixas e que o chefe da família possui menos escolaridade são mais suscetíveis a insatisfação pela magreza, supõe-se que um corpo magro caracteriza menor utilidade na realização de tarefas braçais que são mais comuns a classes sociais mais baixas;
- Os adolescentes com chefes da família possuindo maior grau de escolaridade são mais propensos a insatisfação pelo excesso de peso;
- Também relacionado ao excesso de peso, os adolescentes residentes de áreas centrais estão mais propensos a desejar um corpo mais magro.

O autor ressalta a importância de reflexões sobre a insatisfação corporal no ambiente escolar para que ocorra melhor orientação de hábitos de vida saudável no que concerne à alimentação e exercícios físicos, além das mudanças existentes recorrentes da puberdade.

A imagem corporal ainda é um tema recente no Brasil, ainda existe falta de aprofundamento teórico e conceituação do que ela é e sobre como as diversas metodologias podem ser utilizadas nas pesquisas sobre o assunto. Porém na última década as pesquisas na área tiveram um melhor desenvolvimento e estão caminhando a excelência mesmo que ainda possuam alguns pontos frágeis, por ser um assunto novo no país, quando comparadas a produções internacionais (TAVARES *et al*, 2010; NEVES; TAVARES, 2015).

É importante ressaltar que o fato de a imagem corporal ser um construto multifacetado os dados obtidos em uma determinada pesquisa pertencem exclusivamente a aquele contexto avaliativo (NEVES; TAVARES, 2015).

Normalmente o objetivo ao avaliar a imagem corporal é identificar como o sujeito se vê e como ele gostaria de ser visto pelo outro, ou seja, através de escalas, questionários, técnicas de distorção de imagem, entre outros, vai ser analisado a diferença entre as medidas reais do corpo e as medidas percebidas, sendo essa diferença entre real e percebido a distorção

da percepção corporal (THURM et a 2011).

Tavares *et al* (2010) afirmam que as pesquisas com imagem corporal que procuram analisar a percepção corporal distorcida é conhecida como perceptiva e por muitos anos ela permaneceu no descrédito, pois constatou-se que a superestimação do corpo e o distúrbio subjetivo possuíam maior ligação com fatores psicológicos do que com insatisfação corporal, entretanto ao compreender que não existe uma imagem corporal pura e que ela surge através da relação do sujeito com o mundo, as pesquisas perceptivas voltaram a ter credibilidade.

Pôr a imagem corporal estar ligada a relação do sujeito com o mundo ela pode influenciar na qualidade de vida do. Um estudo realizado por Gouveia, Frontini, Carnavaro e Moreira (2016), pesquisou a relação entre imagem corporal, qualidade de vida e obesidade com crianças portuguesas. O estudo envolveu 155 crianças/adolescentes saudáveis e 207 crianças/adolescentes com obesidade. Mais especificamente 176 eram crianças entre 8 e 12 anos e 172 adolescentes entre 13 a 18 anos.

Os instrumentos utilizados para a coleta foram: KIDSCREEN-10 na versão portuguesa; Escala de Silhuetas de Collins onde cada participante escolhe uma figura parecida consigo e uma que representa como ele gostaria de ser; características sócio demográficas e clínicas, como idade, gênero, IMC, condições crônicas de saúde, peso e altura para cálculo de IMC.

Os resultados obtidos mostraram que crianças e adolescentes obesos apresentam pior qualidade de vida e maior insatisfação com a imagem corporal, sendo que a imagem corporal se mostrou um mecanismo explicativo e mediador sobre qualidade de vida e peso no grupo dos adolescentes. Em relação ao gênero, as meninas que reportaram uma pior qualidade de vida estão mais insatisfeitas com seus corpos do que os meninos.

Ao entender que a imagem corporal está correlacionada a todos os âmbitos de vida, sentimentos, sensações e sentidos do ser humano, nota-se a importância de dar continuidade em pesquisas na área visando agregar conhecimentos, melhorar a compreensão do construto e elaboração de intervenções para promover saúde e qualidade de vida. Mas é importante lembrar que na vida do ser humano, tudo é mutável e tudo depende de diversos fatores para compor um momento. Sendo assim, essa mesma visão deve estar inserida nas pesquisas com imagem corporal, pois ela está em constante formação.

3 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como pesquisa transversal, aplicada em campo, descritiva e com natureza/abordagem quantitativa.

A população alvo do estudo foi composta por um universo total de 166 crianças com idade entre 9 e 13 anos. Os critérios de inclusão no estudo foram: ter idade entre 9 e 13 anos; estar regularmente matriculada no Colégio ULBRA Palmas; ser liberada pela escola para participar da coleta de dados; aceitar participar do estudo mediante assinatura do Termo de Assentimento (TA) com, obrigatoriamente, anuência do responsável legal, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) específico.

Já o critério de exclusão foi apresentar limitações motoras e/ou cognitivas que inviabilizem a aplicação adequada das avaliações.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão a população do estudo se compôs por 30 escolares, sendo 8 do sexo feminino (26,7%) e 22 do sexo masculino (73,3%). Os escolares frequentavam entre o 4^o e 7^o ano do ensino fundamental, sendo que 10% frequentava o 4^o ano, 20% o 5^o ano, 63,3% o 6^o ano e 6.7% o 7^o ano.

O estudo foi realizado no Colégio ULBRA de Palmas - TO, no período de maio a dezembro de 2016, tendo o processo de coleta de dados consistido em um encontro para aplicação do “Questionário para o estudo da violência entre pares” (FREIRA; SIMÃO; VEIGA, 2006) e “Escala de autoestima de Rosenberg” (HUTZ; ZANON, 2011), bem como para avaliação da IC através do *Image Marking Procedure* – IMP (ASKEVOLD, 1975) e da versão brasileira da Escala de Silhueta (KAKESHITA, 2008).

Foi realizado contato com os responsáveis dos participantes a fim de coletar autorização através do TCLE (APÊNDICE A). As crianças que não receberam autorização dos responsáveis tiveram seus nomes excluído da lista de participantes.

Através do contato direto com os responsáveis, através de uma reunião explicativa, foram apresentados de forma detalhada os objetivos, justificativa, metodologia com procedimentos a serem utilizados, riscos, benefícios, forma de participação, garantia do anonimato, ausência de remuneração, forma de retorno e informações da pesquisa, deixando claro que haveria disponibilidade para contatos posteriores caso surgisse interesse dos pais.

Apenas após a autorização dos pais foi realizado contato com as crianças através de uma linguagem acessível gerando a compreensão da proposta de pesquisa e logo após foi feito o convite de participação com coleta da assinatura no TA.

A coleta foi realizada pela acadêmica pesquisadora e contou com auxílio dos alunos do curso de Educação Física do CEULP/ULBRA para coleta dos dados antropométricos de

forma supervisionada. Ao chegar no laboratório, as crianças recebiam uma nova explicação sobre como iria ocorrer a pesquisa e as dúvidas eram retiradas. Logo após era iniciado o processo de coleta.

Por entender que um teste não influenciava no resultado de outro a ordem da coleta variou de criança para criança. Quando havia mais de uma criança no laboratório, uma iniciava o processo com o IMP enquanto a outra iniciava com a Escala de Silhueta. Após a coleta em ambos os testes as crianças respondiam aos questionários em mesas afastadas para evitar constrangimento por causa das respostas. As dúvidas sobre como responder os questionários foram sanadas antes e durante a aplicação.

Foi destacado para as crianças que não existia resposta certa ou errada para nenhum dos dados coletados, que era importante a sua honestidade nas respostas e que os resultados, bem como as respostas, permaneceriam anônimos, e que somente a acadêmica pesquisadora teria acesso.

Todos os dados foram processados e analisados utilizando o *Software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, Inc., v. 20.0; IBM Corporation, Somers, NY, USA.), com um nível de significância de $p \leq 0,05$. Para testar a normalidade dos dados foi utilizado Teste de Kolmogorov-Smirnov, enquanto o perfil dos participantes foi determinado por análise descritiva e de frequência; e a relação entre *bullying* e as demais variáveis foi determinada por tabela de referência cruzada e teste de chi-quadrado.

A pesquisa foi avaliada e aprovada pelo comitê de ética do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA) com CAAE 10861612.2.0000.5516.

4 RESULTADOS

O perfil dos participantes foi avaliado através de análise descritiva e de frequência dos dados, sendo a média±DP da idade dos participantes 11,3±0,91, a massa corporal 44,57±11.79, a estatura 1,50±0,509 e IMC real¹ 20,20±4,35.

O IMC real pode ser classificado em extremamente baixo, baixo, normal, sobrepesado e obesidade, de acordo com a idade em anos e meses. Para crianças, a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2017) disponibiliza uma tabela de classificação baseada em escore-Z e, de acordo com esta tabela, a população do estudo é classificada como sobrepesados.

Os resultados obtidos mostraram seis classificações diferentes no *bullying*: Não envolvido (33,3%), que se refere à crianças que não participaram ou presenciaram dos momentos em que o fenômeno ocorreu; Vítima (3,3%), que é a criança que sofre agressões diretas e/ou indireta; Observador (26,7%), que é aquele que presenciou a agressão ocorrendo; Vítima/observador (13,3%), aqueles que além de sofrer a agressão, presenciou-a ocorrer com outras crianças; Agressor/observador (16,7%), sendo a criança que agride direto ou indiretamente outras crianças e presenciou agressões ocorrendo; e Agressor/vítima/observador (6,7%), que é a criança que pratica, sofre e presencia a agressão. A tabela 1 apresenta a relação entre o bullying e as demais variáveis analisadas neste estudo.

A Escala de Autoestima de Rosenberg (AR) é uma medida unidimensional que se constitui através de dez afirmações (HUTZ; ZANON, 2013). Cada item é avaliado em uma escala tipo Likert de quatro pontos.

Através do resultado obtido com o somatório das respostas o participante se classifica com autoestima baixa, normal ou alta, sendo que os participantes desse estudo em relação a AR apresentaram média±DP de 25,20±2,45, sendo este valor indicativo de baixa autoestima. A análise da frequência em percentil da AR mostrou que 56,7% obtiveram a classificação baixa, 36,7% normal e 6,7% alta.

Em relação à satisfação corporal, avaliada pela Escala de Silhuetas de Kakeshita (ES) através da diferença do IMC de silhueta escolhida como ideal pelo IMC da silhueta atual (KAKESHITA, 2008), os participantes apresentaram média±DP 1,30±2,24, sendo indicativo de insatisfação com o corpo por querer perder massa corporal. A satisfação corporal ES apresentou 13,3% dos escolares como satisfeitos, 23,3% insatisfeitos por querer ganhar massa corporal e 63,3% por querer perder massa corporal.

¹ Faz-se necessário distinguir o Índice de massa corporal (IMC) calculado através da razão entre a massa corporal pelo quadrado da altura, que será chamado neste estudo de IMC real, dos diferentes IMCs (IMC médio da silhueta escolhida como atual, IMC médio da silhueta escolhida como ideal, etc.) obtidos na Escala de silhuetas.

Tabela 1 - Relação da classificação no fenômeno *bullying* com as variáveis ES, IMP, %G e AR.

<i>Bullying</i>		<i>Escala de Silhueta</i>			<i>Imagem Marking Procedure</i>			<i>Percentual Gordura</i>				<i>Escala de Autoestima de Rosenberg</i>		
Tipo	n	Satisf.	Insatisf. (+)	Insatisf. (-)	Hipoesq.	Normoesq.	Hiperesq.	Baixo	Ótimo	Moder. Alto	Alto	Baixa	Normal	Alta
NE	10	40%	20%	40%	20%	40%	40%	10%	50%	20%	20%	70%	20%	10%
V	1	0,0%	0,0%	100%	0,0%	100%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	100%	0,0%
O	8	0,0%	12,5%	87,5%	37,5%	62,5%	0,0%	0,0%	62,5%	12,5%	25%	37,5%	50%	12,5%
V/O	4	0,0%	50%	50%	0,0%	75%	25%	50%	0,0%	25%	25%	50%	50%	0,0%
A/O	5	0,0%	40%	60%	40%	60%	0,0%	20%	40%	0,0%	40%	60%	40%	0,0%
A/V/O	2	0,0%	0,0%	100%	0,0%	0,0%	100%	0,0%	50%	0,0%	50%	100%	0,0%	0,0%

NE: Não Envolvido; V: Vítima; O: Observador; V/O: Vítima/Observador; A/O: Agressor/Observador; A/V/O: Agressor/Vítima/Observador; n: frequência; Satisf: Satisfeito; Insatisf. (-): Insatisfeito por querer perder massa corporal; Insatisf. (+): Insatisfeito por querer ganhar massa corporal; Hipoesq.: Hipoesquemático; Normoesq.: Normoesquemático; Hiperesq.: Hiperesquemático; Moder. Alto: Moderadamente Alto

No índice de percepção corporal avaliado pelo *Image Marking Procedure (IMP)* através de análise de quartil apresentada por Segheto (2012), classifica-se como normoesquemático, ou seja, percepção corporal normal/adequada, o intervalo compreendido entre o primeiro quartil (percentil 25) e o terceiro quartil (percentil 75); como hipoesquemático os valores do primeiro quartil e como hiperesquemático os valores do quarto quartil. Assim, os participantes apresentam média±DP de 116,90±17,17, que ficou entre os valores de corte do percentil 25 (de 103,10) e do percentil 75 (de 132,99), sendo classificados como normoesquemáticos. Na classificação da percepção corporal pelo IMP 23,3% dos escolares são hipoesquemáticos, 53,3% normoesquemático e 23,3% hiperesquemático.

Em relação ao percentual de gordura (%G), que para crianças é calculado com as medidas das dobras cutâneas tricípital e subescapular utilizando fórmulas que levam em consideração o desenvolvimento puberal (LOHMAN, 1987), os participantes apresentam média±DP de 22,80±10,535, sendo este valor representativo da classificação como moderadamente alto, considerando ainda o sexo dos participantes e tendo 13,3% que foram classificados como baixo %G, 43,3% como ótimo, 13,3% como moderadamente alto e 30% como alto.

Ao correlacionar a classificação dentro do fenômeno bullying com a ES dos não envolvidos no fenômeno, 40% encontravam-se satisfeitos com o seu corpo, 20% insatisfeitos por querer ganhar massa e 40% insatisfeitos por querer perder massa.

Na classificação de vítima, 100% estavam insatisfeitos por querer perder massa. Dos observadores, 12,5% estavam insatisfeitos por querer ganhar massa e 87,5% por querer perder massa, enquanto entre a vítima/observador 50% encontravam-se insatisfeitos por querer ganhar massa e 50% insatisfeitos por querer perder massa. Agressor/observador 40% estavam insatisfeitos por querer perder massa e 60% por querer ganhar. Na classificação agressor/vítima/observador 100% encontravam-se insatisfeitos por querer perder massa.

Quando relacionado com o IMP, 20% dos não envolvidos se classificaram como hipoesquemático, 40% normoesquemático e 40% hiperesquemático. Das vítimas, 100% se encontravam normoesquemático. Os observadores 37,5% foram classificados como hipoesquemático e 62,5% normoesquemático. Entre vítima/observador 75% se classificaram como normoesquemático e 25% como hiperesquemático. Já com agressor/observador 40% hipoesquemático e 60% normoesquemático. Por fim, agressor/vítima/observador 100% se encontravam hiperesquemático.

Ao correlacionar as variáveis de envolvimento no *bullying* com o %G, 10% dos não envolvidos se classificavam como baixo, 50% ótimo, 20% moderadamente alto e 20% alto.

Com as vítimas 100% se classificaram como alto. Com os observadores 62,5% se classificaram como ótimo, 12,5% moderadamente alto e 25% alto. Entre vítima/observador 50% se classificaram como baixo, 25% moderadamente alto e 25% alto. Entre agressor/observador 20% obtiveram o resultado baixo, 40% ótimo e 40% alto. Entre agressor/vítima/observador 50% se classificaram como ótimo e 50% como alto.

Na relação entre as classificações de *bullying* com a AR 70% dos não envolvidos têm a autoestima baixa, 20% normal e 10% alta. Das vítimas, 100% apresentam autoestima normal. Dos observadores 37,5% tem autoestima baixa, 50% normal e 12,5% alta. Entre vítima/observador 50% têm autoestima baixa e 50% alta. Entre agressor/observador 60% têm autoestima baixa e 40% normal. E entre agressor/vítima/observador 100% possuíam a autoestima baixa.

5 DISCUSSÃO

Os principais resultados deste estudo denotam que é possível se deparar com a realidade do *bullying* como um fator comum na relação entre escolares. Por ainda não terem total discernimento sobre as consequências acarretadas em suas ações (BODEN, 1983; TOGNETTA, 2005), crianças e pré-adolescentes insistem em brincadeiras agressivas que não valorizam o convívio com os colegas. Características como a agressividade e a repetitividade (OLWEUS, 1997) fazem essas brincadeiras serem o *bullying* e com isso surge a divisão de papéis dentro do fenômeno.

A análise da ocorrência do *bullying* mostrou que dois terços da população participante do estudo estava envolvida no fenômeno, ou seja, o *bullying* é um fenômeno presente no ambiente escolar como apresentou Nogueira (2007). Isso reforça a importância de pesquisas, diálogos e conscientização sobre o assunto, pois quando não há identificação do fenômeno ele tende a ser confundido com brincadeiras e ações cotidianas entre as crianças anulando a sua seriedade.

Carvalhosa, Lima e Matos (2002) apresentam que as agressões podem ocorrer de forma individual, entre uma vítima e um agressor ou em grupos de agressores e de vítimas. Isso acarretaria a possível observação do fenômeno por uma criança ao mesmo tempo em que este observador está envolvido no processo da agressão ou sendo agredido paralelamente em outras situações ou momentos.

Os resultados aqui apresentados reforçam os achados de Carvalhosa, Lima e Matos (2002), pois foram encontrados casos de crianças que são simultaneamente vítimas e observadores (13,3%); agressores e observadores (16,7%); e agressores, vítimas e observadores (6,7%).

É importante ressaltar que não foram encontrados casos de participantes que fossem somente agressores. Interessantemente a classificação agressor/vítima/observador chamou atenção, pois está envolvida em todas as classificações do fenômeno.

Essa classificação pode estar ligada a condição colocada por Zottis *et al.* (2014) em seus estudos sobre as práticas punitivas parentais e a influência que elas exercem para que a criança se torne uma agressora na escola. O autor concluiu que, de acordo com a prática punitiva exercida sobre a criança em sua casa, pode ocorrer a reprodução da prática na escola, tornando-a uma agressora.

Essa reprodução do comportamento foi chamada por Zottis *et al.* (2014) de dose-resposta. Com isso, através dos resultados obtidos, surgiu a hipótese de que possivelmente o comportamento de dose-resposta ocorre também nas vivências escolares entre os participantes

deste estudo, fazendo com que o agressor se torne agressor por reproduzir um comportamento em que hora ele foi vítima e hora ele observou ocorrer com outros colegas.

Dentro da relação entre bullying e a satisfação com a imagem corporal (IC) mensurada através da Escala de Silhuetas de Kakeshita (ES), é interessante notar que o único grupo que se mostrou satisfeito com sua IC foram os não envolvidos nos casos de *bullying*. As demais classificações apresentaram somente insatisfação, seja por querer ganhar massa (significativamente diferente [$p < 0,05$] em relação aos satisfeitos) ou perder gordura corporal (significativamente diferente [$p < 0,05$] em relação aos que querem ganhar massa), mostrando que existe uma relação entre estas duas variáveis.

Isto significa que, dentro da amostra deste estudo, existe um número significativamente menor de crianças que querem ganhar massa corporal em relação aquelas satisfeitas com sua IC, bem como que, dentre as insatisfeitas com suas IC, o número daquelas que querem perder peso é significativamente maior ao daquelas que querem ganhar massa.

Segundo o IBGE (2010), houve um aumento da incidência de crianças e adolescentes classificadas com excesso de peso e obesidade. Entendendo que a IC é constituída por fatores biopsicossociais, sendo o IMC um deles (KAKESHITA, 2008), o fato da insatisfação com a IC para perder peso ser significativamente maior, pode estar relacionado com o aumento da obesidade infantil e adolescente.

Nas classificações que envolvem vítimas o destaque ocorreu para a insatisfação por querer perder massa corporal (100%), enquanto vítima/observador se dividem igualmente entre querer ganhar e perder. Também se destacou agressor/vítima/observador, com 100% insatisfeitos por querer perder massa.

Através do estudo realizado, notou-se que a maior parte das classificações que envolvem vítimas mostraram insatisfação para perder massa. Isso sugere que as vítimas, mesmo que estejam envolvidas em outras partes do fenômeno, consideram que a sua IC é um dos fatores que as levam a sofrer *bullying*.

Resultados similares foram encontrados no estudo de Rech *et al.* (2013) que, em suas conclusões, trouxeram que crianças insatisfeitas com sua IC têm maiores chances de estarem envolvidas no fenômeno *bullying*, sendo que estas têm o triplo de chances de serem vítimas e quase o dobro de serem agressoras.

Na classificação de observadores a maior parte mostrou-se insatisfeitos por perder massa, o restante insatisfeito por querer ganhar. Já na classificação agressor/observador a maior parte se encontravam insatisfeitos por querer ganhar massa e o restante se encontravam insatisfeitos por querer perder massa.

Carvalho *et al* (2012) apresentaram em seu estudo que a insatisfação com a imagem corporal estava presente em 61% dos escolares entre 10 e 13 anos. Destes 11,9% relataram ser vítimas. Quando separadas as crianças que sofriam *bullying* das não envolvidas, a porcentagem de insatisfação com a IC é de 70%. Em seus estudos não foi relatada a insatisfação de agressores, somente de vítimas.

Os resultados encontrados através da ES reafirmam os resultados apresentados por Carvalho *et al* (2012) e Rech *et al* (2013), pois nenhuma das classificações que se encontram envolvidas no fenômeno apresentou satisfação com a imagem corporal. Isso confirma que crianças que estão incluídas no *bullying* são mais propensas a não estarem satisfeitas com a sua IC.

Silva e Caminha (2014), trazem resultados que contradizem os resultados obtidos na presente pesquisa. Em sua conclusão apresentaram que pessoas satisfeitas e insatisfeitas se encontravam classificadas como vítimas de bullying, o que não favoreceu a assertiva de que crianças insatisfeitas com sua IC são mais propensas a ser vítimas, pois em seu estudo a maioria das vítimas apresentava satisfação com a IC.

Já um estudo feito por Levandoski e Cardoso (2013) chegou à conclusão que vítimas e agressores/vítima gostariam de ter uma imagem corporal semelhante a apresentada pelos seus agressores. Em seus resultados constatou-se que em todas as classificações do *bullying* encontravam-se crianças satisfeitas com a IC.

Por outro lado, a maior parte das vítimas apresentou insatisfações com a IC tanto para ser fisicamente menor como maior, sendo a diferença entre as duas classificações pequena. Dentre agressor/vítima insatisfeitos com a IC, a grande parte mostrou querer ser fisicamente maior. E entre os agressores que apresentaram insatisfações com a IC, a maioria gostaria de ser fisicamente menor (LEVANDOSKI; CARDOSO, 2013).

Notou-se que, dos estudos realizados anteriormente, somente um não apresenta resultados similares aos encontrados. Essa constatação mostra que, apesar de os resultados mostrarem diferenças interessantes de outros estudos, permaneceu o padrão de que crianças com envolvimento no *bullying* são mais propensas a insatisfação com a IC, sendo as vítimas mais propensas a querer perder massa corporal

Nos resultados obtidos através do IMP dentre os não envolvidos, as percepções de destaque foram a normoesquemática e a hiperesquemática. Quando comparados aos resultados obtidos pela ES nota-se alguns fatores interessantes, pois os 20% dos NE que se classificaram como hipoesquemáticos podem corresponder aos 20% insatisfeito para ganhar massa corpora. Os 40% normoesquemáticos podem corresponder aos 40% satisfeitos com a

IC e os 40% hiperesquemáticos podem corresponder aos 40% insatisfeitos por querer perder massa corpora.

A classificação vítima que na ES encontrava-se 100% insatisfeito por querer ganhar massa, no IMP apresentou-se 100% normoesquemático, ou seja apesar da insatisfação elas possuem a percepção do seu corpo real/normal, sem distorções para maior (hiperesquemático) ou menor (hipoesquemático).

Entre os observadores destacou-se a classificação normoesquemática, enquanto na IC destacou-se a insatisfeitos por querer perder massa. Isso sugere novamente a hipótese de que provavelmente grande parte da insatisfação apresentada na ES com a IC ocorre de forma consciente, pois percebem a forma real do seu corpo. Os demais que foram classificados como hipoesquemáticos podem corresponder aos insatisfeitos por querer ganhar massa.

A divisão que ocorreu com a classificação vítima/observador entre normoesquemáticos e hiperesquemáticos remete a divisão que ocorreu na ES. Porém o seu destaque como normoesquemático mostra que grande parte das insatisfações existentes podem ser pelo corpo real da criança, não por uma distorção perceptiva. Os demais que se classificaram como hiperesquemáticos podem estar ligados aos insatisfeitos por querer perder massa corporal.

Na classificação agressor/observador 40% apresentaram-se hipoesquemáticos, o que sugere uma relação com os 40% que eram insatisfeitos por querer ganhar massa na ES. Os 60% restantes apresentaram-se como normoesquemáticos gerando a hipótese de que a insatisfação da ES relacionada a perder massa, pode ser uma insatisfação ocorrida através da consciência real de seu corpo.

A classificação agressor/vítima/observador apresentou-se 100% hiperesquemática no IMP. Isso sugere a relação com a insatisfação por perder massa na ES, que também possuiu 100% dessa classificação.

Importante ressaltar que as classificações que obtiveram resultados de hiperesquemáticas e apresentaram uma frequência equivalente de insatisfação para perder massa corporal. Essa distorção sugere que elas podem estar sujeitas a desenvolver um transtorno alimentar, pois veem o seu corpo maior do que ele é e anseiam por perder medida.

A relação entre *bullying* e o Percentual de Gordura (%G) mostrou-se distribuída de uma forma interessante, pois com exceção das vítimas que se classificaram 100% como alto, não houve um padrão entre as demais classificações.

Dentre os não envolvidos os resultados foram distribuídos entre as classificações baixo, alto e ótimo, sendo que a maioria se classificou como ótimo. Dentre os observadores a

grande maioria também se classificou como ótimo, o restante como alto e moderadamente alto, não apresentando nenhuma classificação abaixo do peso.

A classificação ótimo no %G, obtido com os não envolvidos e os observadores, já era esperada pois um %G ideal diminui a probabilidade de se tornar vítima. Porém aqueles que apresentaram um resultado diferente do ideal podem estar propensos a se envolver, ou serem envolvidos, no fenômeno em algum momento da vida escolar.

Estes resultados denotaram o que Reulbach *et al* (2013) apresentaram em seu estudo que crianças com classificação de sobrepeso através do IMC e crianças que classificavam seu corpo como um pouco acima do peso ou muito acima do peso, possuíam maiores chances de serem vítimas do que crianças com classificações normais.

A classificação vítima/observador obteve a maioria classificados como baixo, o restante se dividiu entre moderadamente alto e alto, não apresentando classificação ótimo. Entre agressor/observador, a maior parte se dividiram entre ótimo e alto, restando 20% com resultado baixo. Por fim, agressor/vítima/observador se dividiu entre as classificações de %G ótimo e alto.

É interessante notar que as classificações vítima e vítima/observador não apresentaram %G normal. Porém os não envolvidos e os observadores, que podem ser considerados envolvidos no *bullying* de forma indireta, obtiveram a maior parte de sua população na classificação ótimo.

Esses resultados sugerem que é mais fácil se tornar uma vítima quando possui o %G fora da normalidade, pois assim você se torna diferente dos demais da população. Essa característica vai ao encontro da teoria de Tognetta (2005) sobre o agressor escolher suas vítimas a partir de características óbvias e inegáveis que a vítima possui. Uma vez que o %G é refletido no corpo da criança, ele se torna uma característica inegável e óbvia.

O %G ótimo voltou a aparecer nas classificações que envolvem agressores, sendo que nestas classificações foi mais comum o %G ótimo e alto, reforçando que quanto mais as crianças fogem da classificação ideal maiores as chances de se encontrarem como vítimas.

Um estudo realizado por Wilson *et al* (2013) presenciou uma tendência na associação do *bullying* com o status real da obesidade e ao excesso de peso percebido, porém essa tendência é mais comum com crianças que se percebem acima do peso do que com aquelas que realmente estão acima do peso. Poucos alunos conseguiram ter sua percepção corporal de acordo com o seu peso real.

Wilson *et al* (2013) ainda revelaram que estar abaixo do peso ou se enxergar abaixo do peso também apresentou uma relação com o *bullying*, mas não apresentou relevância

estatística.

Da mesma forma, Reulbach *et al* (2013) apresentaram que a classificação de IMC baixo não se mostrou significativa na associação com o bullying, mas as crianças que se auto-classificaram muito magras ou um pouco magras apresentaram significância na associação.

O fato de que na ES 100% das vítimas apresentarem insatisfação por querer perder massa e no %G 100% se classificarem como alto, reforça os estudos apresentados pois, mostra que estar ou se sentir acima no peso influencia em se classificar como vítima.

Quando esse resultado é comparado com o resultado obtido através do IMP ele pode ser confirmado, pois as classificações agressor/observador e agressor/vítima/observador tiveram maior frequência na classificação hipoesquemática, 60% e 100% respectivamente.

Quando relacionado o bullying é relacionado com a AR é interessante notar o destaque de 70% de autoestima baixa para os não envolvidos. Por não estarem envolvidos no fenômeno esperava-se que a autoestima desses não fosse afetada com essa intensidade, porém entende-se que existem fatores externos que podem contribuir para essa ocorrência e que não foram focos desse estudo.

Já com os observadores, a maioria se classificou entre autoestima normal e autoestima baixa, com poucos classificados como normal, o que também é interessante pois é provável que o bullying cause impacto na autoestima não somente nos seus participantes diretos, mas também nos indiretos.

O fato de somente os não envolvidos e os observadores terem obtidos classificação da autoestima como alta levantou a hipótese de que quanto menos envolvido no fenômeno, mais propensa a criança está de ter autoestima alta.

O resultado obtido através da relação das vítimas com a AR também se mostrou inesperado, pois essas apresentaram 100% de autoestima alta. Na classificação vítima/observador o resultado se dividiram igualmente entre autoestima normal e autoestima baixa. Essa autoestima baixa era esperada também na classificação de apenas vítima, o que não ocorreu.

Na classificação de agressor/observador e agressor/vítima/observador a maior parte se classificou com autoestima baixa, sendo que com agressor/vítima/observador 100% possuíam autoestima baixa. Pode-se pensar inicialmente que este resultado também é contraditório, mas em seus estudos por Tognetta (2005), afirma que o agressor pratica a agressão por possuir a necessidade de se afirmar no mundo e descobrir a sua auto-percepção. Isso nos revela uma natural insegurança no agressor, que por sua vez realiza a agressão para que possa se sentir seguro.

Porém, estudos encontrados que correlacionam bullying e AR entre adolescentes e comparativos por sexo (BANDEIRA; HUTZ, 2010; BRITO; OLIVEIRA, 2013), apresentaram resultados contrários aos obtidos.

Os resultados de Bandeira e Hutz (2010) trouxeram que no grupo de vítimas/agressores o sexo masculino apresentou uma média de autoestima superior ao sexo feminino relacionados a esse papel. Já as meninas que eram classificadas somente como agressoras apresentaram autoestima alta. Entre os meninos o grupo de testemunhas apresentou autoestima maior do que o grupo de vítima.

Brito e Oliveira (2013) apresentaram que 53,7% dos adolescentes foram classificados com autoestima baixa, principalmente os classificados como vítima, agressor, vítima/agressor e testemunha. Os não envolvidos no fenômeno foram classificados com autoestima alta.

Um fator que pode ter contribuído para a diferença entre os resultados obtidos nesse estudo e os resultados de estudos anteriores pode ser a faixa etária estudada. Enquanto esse estudo se propôs a estudar o *bullying* entre crianças e pré-adolescentes, os demais estudos estudaram entre adolescentes. Isso pode impactar diretamente nos resultados, pois cada fase da vida influencia na compreensão do meio e em uma atitude diferente em relação a esse.

O fato de que nesse estudo crianças agressoras apresentaram baixa autoestima e nos demais estudos adolescentes apresentaram autoestima alta, pode estar relacionado a adolescentes já se encontram na fase operatório concreta do desenvolvimento, mostrando que eles possuem o entendimento abstrato sobre suas ações (BODEN, 1983). Com isso, surge a hipótese de que esse entendimento abstrato pode lhes dar segurança para realizar o bullying, enquanto crianças por não compreenderem totalmente o fenômeno que estão praticando, podem se sentir inseguras e em conflito consigo mesmas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados obtidos conclui-se que o *bullying* atinge dois terços dos participantes do estudo e que existe uma relação entre *bullying* e imagem corporal (IC), mas não um padrão determinante entre a IC e a classificação no fenômeno.

Nenhuma criança que se encontrava envolvida no *bullying* estava satisfeita com sua IC, sendo que a insatisfação para perder gordura corporal, ou seja, o desejo por reduzir medidas é mais frequente entre as crianças.

Muito embora a literatura indicasse esse resultado como esperado, o grupo agressor/observador em grande parte demonstrou o desejo de ganhar massa, esse resultado só foi apresentado de forma similar em um dos estudos encontrados.

É importante ressaltar que nos demais estudos que envolvem *bullying* e IC, houve frequência de satisfação com a IC nas classificações que envolvem as vítimas, resultado que não foi encontrado nesse estudo.

Crianças que não possuem o %G normal, tendem a ser vítimas e crianças que possuem o %G normal tendem a não estar envolvidas no fenômeno.

As vítimas e vítimas/observadores não demonstraram prejuízos com relação a autoestima, pois a maioria se classificou com autoestima alta. Já entre os agressores, grande parte obteve autoestima baixa, fortalecendo a hipótese de que o agressor se torna agressor para poder se sentir mais seguro consigo mesmo.

Através desse estudo notou-se que o *bullying* apresentou uma relação não somente com a IC, mas também com IMP, %G e AR, sendo essas as demais variáveis pesquisadas. Isso sugere que esse fenômeno está ligado a diversos fatores que envolvem os escolares, tornando-o um fenômeno de constituição biopsicossocial.

Dentre as dificuldades encontradas para a realização do estudo pode-se destacar a dificuldade em encontrar referencial teórico sobre o assunto. Ao pesquisar nas principais bases de dados científicos e acadêmicos, sendo essas Pubmed, Portal de periódicos da CAPES, Scielo e Google Acadêmico, foram encontrados somente seis artigos que relacionavam a IC com o *bullying*. Artigos que relacionam o *bullying* com sobrepeso e obesidade são encontrados mais facilmente.

Pesquisas que relacionam *bullying* e IC se mostraram novas, sendo o artigo mais antigo datado com 2012 e o mais recente com 2014. Isso reforça a importância desse estudo e o fato de ser inovador dentro da área científica, pois presencia-se uma carência não somente

nos estudos que relacionem o *bullying* com a IC como também que ressalte os motivos que levam a ocorrência do fenômeno.

Pode-se presenciar que muitas vezes os alunos vítimas se sentem desassistidos pela escola, pois já houve procura aos professores, orientadores e monitores após a agressão, mas pouco foi resolvido. Nota-se a necessidade de treinamento para identificação do *bullying* por parte dos profissionais da escola e conscientização das crianças sobre o fenômeno e suas consequências.

Sugere-se busca por capacitação profissional por parte da escola com o objetivo de preparar os seus funcionários para identificar e lidar com o *bullying*. Também sugere-se e intervenções com as crianças para que possa diminuir a ocorrência do *bullying* entre escolares. Por fim, entende-se a necessidade de a implementação de um programa de atenção as crianças envolvidas no *bullying*, realizado por psicólogos, visando a resolução do problema.

Esse estudo ampliou a visão do *bullying* em relação a indivíduos com suas particularidades. Ao buscar a relação entre o fenômeno e a IC, %G, AR e IMP, presenciou-se seres subjetivos com suas lutas, medos e dificuldades. Essas dificuldades muitas vezes se mostraram de aceitação pessoal, seja por características físicas ou psicológicas.

Esse entendimento do fenômeno sendo biopsicossocial realça a necessidade de estudos psicológicos abrangentes, identificando as possíveis causas do *bullying* e formas de atuação para sua resolução. Supõe-se que se a escola possuísse em sua equipe um(a) psicólogo(a) escolar, uma menor parte da população estaria envolvida no fenômeno.

Os escolares necessitam de maior visibilidade dentro do seu meio social e do meio científico, para que eles possam ter perspectiva de segurança e melhora no meio escolar. Nesse sentido o estudo realizado abre portas para novas indagações e caminhos na busca constante pela conscientização do *bullying* e seus impactos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P.P.; WILLIAMS, L.C.A.; D'AFFONSECA, S.M. Efeitos Tardios do bullying e transtornos de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 29, n. 1, p.91-98, mar. 2013.
- ANDERSEN, L.s P. et al. Bullied at school, bullied at work: a prospective study. **BMC Psychology**, v. 35, n. 3, p.1-15, nov. 2015.
- ASKEVOLD, F. Measuring Body Image. *Psychotherapy And Psychosomatics*, [s.l.], v. 26, n. 2, p.71-77, 1975. S. Karger AG. <http://dx.doi.org/10.1159/000286913>.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 1, n. 14, p.131-138, jun. 2010.
- BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *História, Ciências, Saúde-manguinhos*, [s.l.], v. 12, n. 2, p.547-554, ago. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702005000200020>.
- BODEN, M. **As ideias de Piaget**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- BRITO, Camila C.; OLIVEIRA, Marluce T.. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, p. 601-607. abr. 2015.
- BRITTO, C C; OLIVEIRA, M T. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 6, p.601-607, nov. 2013. CALBO, A. S. *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 73-80, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822009000200001&script=sci_arttext>.
- CAMPANA, A. N. N. B.; TAVARES, M. C. G. C. F. **Avaliação da imagem corporal: instrumentos e diretrizes para pesquisa**. São Caetano do Sul: Ph Editora, 2009
- CARVALHOSA, S F; LIMA, L; MATOS, M G. Bullying: a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p.523-537, 2002.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Editora Verus, 2004.
- FELDEN, É. P. G. *et al.* Fatores sociodemográficos e imagem corporal em adolescentes do ensino médio. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3329-3337, nov. 2015. .
- FORLIM, B. G. et al. Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 3, p.367-375, 2014.
- FRANCISCO, M. V.; LIBORIO, R. M. C. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre , v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009

FREIRE, I. P.; VEIGA, S. A. M.; SOUSA, F. A. O estudo da violência entre pares no 3 ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar português. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, p.157-183, 2006.

GOUVEIA, M. J. et al. Imagem corporal e qualidade de vida na obesidade pediátrica. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 17, n. 1, p. 52-59, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862016000100008&lng=pt&nrm=iso>.

HUTZ, C. S.; ZANON, C.. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. **Avaliação. psicológica.**, Porto Alegre , v. 10, n. 1, p. 41-49, abr. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005&lng=pt&nrm=iso>.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**: Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. Brasil: Ibge, 2010.

JONGENELIS, M. I.; BYRNE, S. M.; PETTIGREW, S. Self-objectification, body image disturbance, and eating disorder symptoms in young Australian children. **Body Image**, [s.l.], v. 11, n. 3, p.290-302, jun. 2014.

KAKESHITA, I S. **Adaptação e validação da escalas de silhuetas para crianças e adultos brasileiros**. 2008. 118 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

LEÃO, L. G. R. O fenômeno do *bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, Vila Velha. n. 4, p. 119-135, jan./jun. 2010.

LEVANDOSKI, Gustavo; CARDOSO, Fernando Luiz. Imagem Corporal e Status Social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. **Revista Latino Americana de Psicologia**, Espanha, v. 1, n. 45, p.135-145, mar. 2013.

LOHMAN, T. G. The use of skinfold to estimate body fatness on children and youth. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 58, n. 9, p. 98-103, 1987

MALTA, D. C. et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), 2009. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.3065-3076, out. 2010.

NEME, C. M. B. et al. Fenômeno Bullying: análise de pesquisas em Psicologia publicadas no período de 2000 a 2006. **Grupo Editorial Moreira Junior**. Disponível em:

NEVES, A. N.a et al. Avaliação da Imagem Corporal: Notas Essenciais para uma Boa Prática de Pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 31, n. 3, p.375-380, set. 2015.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. **Violência nas escolas e Juventude**: um estudo sobre bullying escolar. 2007. 258 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade, PUC/SP, São Paulo, 2007.

OLWEUS, D. Bully/Victims problems in scholl: Facts and Intervention. **Europe Journal Of Psychology Of Education**, Norway, n. 4, p.495-510, 1997.

PALÁCIO, M.; REGO, S. Bullyng: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v.30, n. 1, jan/abr. 2006.

RECH, Ricardo R et al. Prevalence and charecteristic of victims and perpetrators of bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 2, p.164-170, jul. 2012.

REULBACH, U, et al. Weight, body image and bullying in 9-year-old children. **Journal Of Paediatrics And Child Health**, v. 49, n. 4, p.288-293, 27 mar. 2013.

RIBEIRO, P. R. L.; TAVARES, M.C.G.C.F.; CAETANO, A. S. Contribuições de Fisher para a compreensão do desenvolvimento da percepção corporal. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 379-386, set./dez. 2012. Disponível em

RUIZ, R.; MORA-MERCHÁN, J. Agresividad y violencia, el problema de la victimizacion entre escolares. **Revista de Educacion**, n. 313, p. 7-27, 1997.

SANTOS, J.A. *et al.* Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Revista de Salud Pública**, Minas Gerais, v. 2, n. 16, p.173-183, abr. 2014.

SCHILDER, P. **A Imagem do Corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SEGHE TO, Wellington et al. Esquema corporal e nível de atividade física em adultos jovens universitários. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, n. 3, p. 29-36, 2012.

SILVA, Saskia Lavyne Barbosa da; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Desempenho motor, imagem corpora e bullying escolar. **Tempos e Espaços em Educação**, P, v. 7, n. 13, p.45-54, maio 2014.

SOUZA, Elisiane das Graças Carvalho et al. Obesidade, imagem corporal e bullying em uma população de escolares de uma cidade no Sul do Brasil. **Revista da Amrigs**, Porto Alegre, v. 4, n. 56, p.330-334, out. 2012

TAVARES, M. C. C. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. São Paulo: Manole, 2003.

TAVARES, M. C. G. C. F. et al. Avaliação perceptiva da imagem corporal: história, reconceituação e perspectivas para o Brasil. **Sicologia em Estudo**, Maringá, v. 3, n. 15, p.509-518, jul-set. 2019.

THURM, I. E. et al. Revisão dos métodos empregados na avaliação da dimensão corporal em pacientes com transtornos alimentares. **J Bras Psiquiatr.**, [si], v. 60, n. 4, p.331-336, 2011.

TOGNETTA, L R P. Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, Aldo; LIMA, V S de. **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Zouk, 2005. p. 8-9.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School Bullying Among US Adolescents: Physical, Verbal, Relational and Cyber. **Nordic Journal Of Psychiatry**, [s.l.], v. 57, n. 5, p.393-394, set. 2003.

WEBB, J. B.; WOOD-BARCALOW, N. L.; TYLKA, T. L. Assessing positive body image: Contemporary approaches and future directions. **Body Image**. [s.l.], p. 130-145. 2015.

WILSON, Michael et al. Weight Status, Body Image and Bullying among Adolescents in the Seychelles. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, v. 10, n. 5, p.1763-1774, 2 maio 2013. MDPI AG.

World Health Organization (WHO). **BMI-for-age (5-19 years)**. 2017. Disponível em: <http://www.who.int/growthref/who2007_bmi_for_age/en/>. Acesso em: 30 maio 2017.

ZOTTIS, G. A.h. et al. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. **Nordic Journal of Psychiatry**, [s.l.], v. 57, n. 5, p.393-394, set. 2003.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE – N. _____

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a autorizar a participação do seu/sua filho(a) no projeto de pesquisa intitulado “**KINECT E QUALIDADE DE VIDA: teoria e prática junto a diferentes grupos populacionais**”. O objetivo deste trabalho é “Analisar a confiabilidade de sistema digital utilizando o sensor *Microsoft Kinect* para avaliação da Imagem Corporal (IC) de crianças de 8 a 12 anos de forma confiável em comparação a métodos tradicionais, bem como a relação entre imagem corporal e bullying”.

Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) autorize seu/sua filho(a) a ter sua Imagem Corporal avaliada através da Escala de Silhuetas, teste no qual a criança escolhe entre um conjunto de silhuetas corporais, aquelas que representam com ela vê a forma do seu corpo, a forma que gostaria de ter e a forma que acredita ser a ideal; além desta escala, será avaliada a Percepção Corporal utilizando o *Image Marking Procedure – IMP*, que consiste em um teste no qual, de olhos vendados, a criança ou adolescente marque pontos que representem sua altura, largura dos ombros, cintura e quadril, permitindo aos avaliadores observarem como a criança vê seu tamanho corporal. Ambos os testes serão aplicados duas vezes, sendo uma com a forma tradicional comentada acima e outra digital, sendo o mesmo procedimento, porém, utilizando o sensor de movimento Kinect do videogame X-Box 360. Além disto, para conhecer melhor os resultados do estudo e poder dar um retorno mais completo aos pais e responsáveis pelas crianças, para a escola e para a sociedade, serão aplicados testes de avaliação da aptidão física e saúde que já são de uso corrente na Educação Física, sendo eles: mensuração da estatura, massa corporal (peso), índice de massa corporal (IMC), envergadura, nível de atividade física (questionário sobre quais atividades e exercícios a criança faz/pratica durante a semana), teste de caminhada/corrida de 6 minutos, corrida de vai e vem em percurso de 20 metros, resistência muscular abdominal em flexões abdominais em 1 minuto e flexibilidade pelo teste de sentar e alcançar. Estes testes compõem a bateria de testes do Projeto Esporte Brasil (PROESP) que pode ser encontrada no site < <https://www.ufrgs.br/proesp/> > Por fim, a aplicação de um questionário sobre a opinião das crianças sobre questões relacionadas ao bullying e se elas se perceberam vítima ou causador de bullying alguma vez.

As avaliações acontecerão no próprio Colégio ULBRA Palmas e não atrapalharão as atividades didáticas do(a) seu/sua filho(a). Esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar qual a relação que o(a) seu/sua filho(a) estabelece com seu próprio corpo, possibilitando conhecer se ele está satisfeito ou insatisfeito com sua imagem corporal e se pode ou não vir a ser vítima de bullying decorrente desta questão no futuro.

O(a) Sr(a) receberá um relatório com os resultados das avaliações. O relatório irá propor alternativas e orientações para melhorar a saúde e a imagem corporal do(a) seu/sua filho(a). As crianças receberão orientações sobre saúde, atividade física, alimentação saudável, e conteúdos para conscientização e prevenção do bullying.

Os riscos da participação do(a) seu/sua filho(a) nesta pesquisa são o de desconforto e/ou da criança não aceitar a sua imagem corporal real, quando esta não é coerente com suas expectativas ou pretensões. Como estratégia, as informações serão apresentadas de maneira lúdica, de maneira que a criança não se sinta constrangida.

Rubrica do Responsável

Rubrica da Acadêmica-Pesquisadora

Rubrica do Orientador

Além disto, não serão publicadas e nem fornecidas a terceiros, nenhuma informação da criança ou de sua família, e em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, serão garantidos o total sigilo e a confidencialidade através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) recebe uma cópia e encaminhará a versão reduzida assinada para a escola.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a total liberdade de negar a participação do(a) seu/sua filho(a) e/ou de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto traga qualquer prejuízo para o(a) Sr(a) e/ou seu/sua filho(a), de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, CONTATOS:

Pierre Soares Brandão

Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900 Caixa Postal nº 85.

Telefone: (63) 3219 8000

E-mail: pierrebrandao@ceulp.edu.br

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa do CEULP no endereço ou pelo telefone abaixo:

Telefone: 3219-8076

E-mail: etica@ceulp.edu.br

Sala: 541 (Prédio 5) Complexo Laboratorial 1 Piso

Horário de atendimento: De Segunda à Sexta de 8h às 12h e das 14h às 18h (exceto em dia de reunião).

Coordenadora do CEP: Márcia Mesquita Vieira

Secretária do CEP: Andressa Brito Rodrigues

Assim, DECLARO que após convenientemente esclarecido por membro qualificado da equipe de pesquisa, ter lido este Termo e ter entendido o que me foi explicado oralmente e devidamente apresentado neste documento, EU, _____, abaixo assinado, na qualidade de responsável legal, consinto voluntariamente que _____, por quem sou legalmente responsável, participe desta pesquisa. Por ser verdade, rubrico todas as folhas deste documento e assinando esta última.

Palmas, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Michelle Zukowski
Acadêmica-Pesquisadora

Prof. M.e. Pierre Soares Brandão
Orientador e Pesquisador Responsável

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO
LUTERANO DE PALMAS -
ULBRA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: KINECT E QUALIDADE DE VIDA: teoria e prática junto a diferentes grupos populacionais

Pesquisador: PIERRE SOARES BRANDÃO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 10861612.2.0000.5516

Instituição Proponente: Centro Universitário Luterano de Palmas - ULBRA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.257.038

Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda à um projeto anteriormente aprovado, que se refere à um projeto guarda-chuva contemplando subprojetos com o objetivo de conhecer a influência da utilização do Kinect na Qualidade de Vida e em fatores associados a esta em diferentes grupos populacionais, bem como, propor, implementar e avaliar a utilização de aplicativos para o Kinect voltados a este fim. Como objetivos específicos têm-se:

Projetar, implementar e testar aplicativos lúdicos, jogos e afins, que se utilizem dos recursos disponíveis no Kinect para possibilitar ações voltadas aos cuidados com QV; Criar protocolos de utilização do Kinect para diferentes grupos populacionais, respeitando suas características e necessidades, além de levar em consideração as características dos jogos e as Capacidades Biomotoras por eles solicitadas, de modo a ter sempre como principal norteador a segurança pessoal de cada componente dos grupos de sujeitos participantes do estudo; Avaliar a QV e os fatores a ela associados como, por exemplo, as Capacidades Biomotoras, o Risco Cardíaco, a Postura, a Imagem Corporal, o Stress, etc., sempre através de testes já consagrados na literatura científica (como o questionário WHOQOL (versões abreviada e completa) para avaliação da QV, a Tabela de Risco Coronariano da American College of Sports Medicine & ACSM, etc.); Aplicar os protocolos respeitando as características de cada sujeito, suas

Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541

Bairro: Plano Diretor Sul

CEP: 77.054-970

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3219-8076

Fax: (63)3219-8005

E-mail: etica@ceulp.edu.br

necessidades e limitações, prezando pela sua liberdade, autonomia, segurança e integridade e Analisar os resultados com rigor técnico e científico, comunicando-os em revistas científicas e/ou eventos específicos da área, disponibilizando-os gratuitamente na internet quando isto não conflitar com questões inerentes a publicação nos periódicos e eventos. Com metodologias variadas para cada subprojeto, em síntese pretende-se realizar pesquisas bibliográficas, experimentais. Cada uma das pesquisas envolvendo seres humanos terão três fases onde a primeira e a última serão a avaliação das condições de saúde dos sujeitos e a fase intermediária será a aplicação dos protocolos de jogos (sujeitos jogarão videogame) sempre de acordo com os protocolos de segurança estabelecidos nos subprojetos teóricos e com constante monitoramento com Freqüencímetro de Pulso, Esfígmomanômetro e acompanhamento do pesquisador responsável.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer a influência da utilização do Kinect na Qualidade de Vida e em fatores associados a esta em diferentes grupos populacionais, bem como, propor, implementar e avaliar a utilização de aplicativos para o Kinect voltados a este fim.

Objetivo Secundário:

Projetar, implementar e testar aplicativos lúdicos, jogos e afins, que se utilizem dos recursos disponíveis no Kinect para possibilitar ações voltadas aos cuidados com QV; Criar protocolos de utilização do Kinect para diferentes grupos populacionais, respeitando suas características e necessidades, além de levar em consideração as características dos jogos e as Capacidades Biomotoras por eles solicitadas, de modo a ter sempre como principal norteador a segurança pessoal de cada componente dos grupos de sujeitos participantes do estudo. Avaliar a QV e os fatores a ela associados como, por exemplo, as Capacidades Biomotoras, o Risco Cardíaco, a Postura, a Imagem Corporal, o Stress, etc., sempre através de testes já consagrados na literatura científica (como o questionário WHOQOL (versões abreviada, 'Bref' em inglês, e completa) para avaliação da QV, a Tabela de Risco Coronariano da American College of Sports Medicine - ACSM, etc.). Aplicar os protocolos respeitando as características de cada sujeito, suas necessidades e limitações, prezando pela sua liberdade, autonomia, segurança e integridade. Analisar os resultados com rigor técnico e científico, comunicando-os em revistas científicas e/ou eventos específicos da

Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541
Bairro: Plano Diretor Sul **CEP:** 77.054-970
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541
Bairro: Plano Diretor Sul **CEP:** 77.054-970
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO
LUTERANO DE PALMAS -
ULBRA



Continuação do Parecer: 1.257.038

área, disponibilizando-os gratuitamente na internet quando isto não conflitar com questões inerentes a publicação nos periódicos e eventos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Acreditamos que efetivamente não haja riscos inerentes a pesquisa, afinal, trata-se da proposta do estudo de games que são de livre utilização. Ainda assim, consideramos que todas as práticas serão realizadas com o rigor técnico devido e o absoluto respeito aos sujeitos, suas individualidades e necessidades. Todos os protocolos de segurança estipulados pelos estudos teóricos serão seguidos à risca e nenhuma prática que possa inferir em não cumprimento integral dos preceitos expressos na Resolução 196, ainda que impliquem em prejuízo ao estudo, será realizada. Para evitar possíveis danos físicos que possam ser causados pelas práticas, muito embora consideremos este risco extremamente baixo, avaliaremos cada sujeito e seguiremos as orientações e os protocolos de segurança aplicados às práticas de atividades físicas em geral, tal qual expressos na literatura e descritos nos critérios de inclusão e exclusão. Também será garantido o respeito à crença, a cultura, a moral/princípios, ao intelecto e às emoções/afetividade dos sujeitos, bem como o seu anonimato, através de: a) não exposição dos sujeitos e/ou de quaisquer informações ou dados que possam servir para identificá-los; b) horários próprios para jogar sem que outros sujeitos que não os pesquisadores estejam presentes (exceto nos casos em que o sujeito solicitar a presença de terceiros ou, por opção, fizer uso de jogos coletivos, com mais jogadores compartilhando a oportunidade); c) liberdade de opção quanto aos games, sem que haja obrigatoriedade de expor-se a um determinado jogo que possa ferir quaisquer um dos aspectos acima citados. Mesmo quando houver prejuízo para a pesquisa quanto a alterações no protocolo de utilização do Kinect para que sejam respeitados os aspectos mencionados, será mantida a aplicação com a alteração e nenhum sujeito será tratado com distinção, sendo apenas desconsiderado e excluído dos resultados os dados coletados com ele (o sujeito). Deve-se destacar que, caso queiram (será facultativo), os participantes poderão criar grupos/equipes de jogo, sendo esta oportunidade aproveitada para pesquisarmos a influência do Kinect na socialização dos mesmos.

Benefícios:

Os participantes serão beneficiados com os ganhos e melhorias nas condições físicas, psicológicas

Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541
Bairro: Plano Diretor Sul **CEP:** 77.054-970
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
LUTERANO DE PALMAS -
ULBRA**



Continuação do Parecer: 1.257.038

e sociais que, conforme explicitado nos diversos estudos que embasam esta proposta, podem advir da utilização do Kinect como ferramenta de auxílio no tratamento e na prática de atividade física. Esta proposta irá fundamentar e divulgar a possibilidade da utilização de games como ferramentas alternativas para complementar o tratamento de diversos pacientes da área da fisioterapia, representando uma atividade lúdica, interativa e estimulante para o paciente, tal qual sugerido por Rocha, Defavari e Brandão (2012). Os estudos propostos embasarão novas pesquisas, se converterão em publicações que serão compartilhadas com a comunidade científica. Também trarão informações que podem contribuir com a população em geral, com pais e mães que, muitas vezes, tem dúvidas quanto à influência dos games sobre seus filhos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa de alta relevância social e acadêmica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram anexados em conformidade.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A partir da análise da emenda, entendemos que o projeto está apto a ser executado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_563530 E2.pdf	28/09/2015 09:57:30		Aceito
Brochura Pesquisa	emendakinect2015.docx	28/09/2015 09:56:45	PIERRE SOARES BRANDÃO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaorestaurante.jpg	28/09/2015 09:48:11	PIERRE SOARES BRANDÃO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoguardachuvakinectemenda2015.docx	28/09/2015 09:44:29	PIERRE SOARES BRANDÃO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoColegioUlbra.jpg	27/09/2015 15:22:33	PIERRE SOARES BRANDÃO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaoNAC.pdf	27/09/2015 15:04:13	PIERRE SOARES BRANDÃO	Aceito

Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541

Bairro: Plano Diretor Sul **CEP:** 77.054-970

UF: TO **Município:** PALMAS

Telefone: (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
LUTERANO DE PALMAS -
ULBRA**



Continuação do Parecer: 1.257.038

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_369306 E1.pdf	05/09/2014 17:11:23		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_369306 E1.pdf	28/07/2014 18:25:22		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_108616.pdf	24/11/2012 19:36:26		Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto Projeto Guarda-chuva Kinect.pdf	24/11/2012 18:45:53		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo de Assentimento Kinect Guarda-chuva.pdf	23/11/2012 17:53:49		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE Kinect Guarda-chuva subprojetos PKF_4_6_7.pdf	23/11/2012 17:52:35		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE Kinect Guarda-chuva subprojetos PKF_1_2_5.pdf	23/11/2012 17:52:10		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 03 de Outubro de 2015

Assinado por:
MÁRCIA MESQUITA VIEIRA
(Coordenador)

Endereço: Av. Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541
Bairro: Plano Diretor Sul **CEP:** 77.054-970
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3219-8076 **Fax:** (63)3219-8005 **E-mail:** etica@ceulp.edu.br